

QUITERIADE

PORTO, 1891



QUITERIADE  
OU  
COLUMBINO INTERAMNENSE  
*CONQUISTADO*  
PELA  
VIRGEM E MARTYR  
SANTA QUITERIA



PORTO  
COSTA & SILVA

141—Rua do Almada—141

—  
1891

VIDA DE SANCTA QUITERIA

PUBLICAÇÃO APROVADA

PELO

EXCELENTÍSSIMO ARCEBISPO

DE

BRAGA

II. Antonio de Freitas Honorato



# VIDA DE SANCTA QUITERIA

---

PUBLICAÇÃO APPROVADA

PELO

EXCELLENTISSIMO ARCEBISPO

DE

BRAGA

D. Antonio de Freitas Honorato







Á

PROVINCIA DO MINHO

Off.

O Editor





## AO PUBLICO

---

*Um amigo nosso, percorrendo, ha annos, a provincia do Minho, pernoitou n'uma casa onde existiam restos d'uma antiga livraria,*

*O dono da casa deu ao seu hospede licença de escolher, d'entre os livros alli existentes, aquelles de que gostasse.*

*Appareceu o manuscripto que hoje damos á estampa, e que devemos a obsequiosidade do individuo que o escolheu.*

*Achámol-o interessante, já pelo assumpto de que tracta, já pelo levantado da forma litteraria que o seu por nós desconhecido auctor lhe deu ; — e isto determinou-nos á sua publicação.*

*Como o livro interessa especialmente ao Minho, já por sér alli a naturalidade da Heroína do poema, já por sér tambem alli que Ella viveu e fez os milagres de que fälla a Sua historia, offerecemol-o aos naturaes d'aquella provincia.*

*É que, sendo um padrão de gloria para todo o Christianismo a vida de Sancta Quiteria, muito mais o deve sêr para os seus compatriotas ;— e d'isto derivou a preferencia no nosso offerecimento.*

*Allerámos a orthographia do manuscripto. Certamente o original, QUE CONSERVAMOS E CONSERVAREMOS, é do principio do seculo passado, e está escripto na orthographia d'aquelle tempo.*

*O Editor.*

QUITERIADE

AGE

COLUMBINO INTERAMNENSE

CONQUISTADO

DELA

VIRGEM E MARTYR

SANTA QUITERIA

POEMA LYRICO E HEROICO

CANTO I

I

Eu, aquelle que lá nas bellas flores  
De meus dias cantei do mundo enganoso,  
E aquelle que das armas aos furiosos  
Dancei, depois, no inverno de meus annos;  
Nestes agora instantes posteriores  
Tomo assumpto muito outro dos humanos:  
É tanto o morro, que a desrepente  
Castela me faz cysne da virtude.

## II

Canto a Virgem e Martyr Beacaronense,  
Que, com menos de quinze primaveras,  
Do monte columbano interamniense  
Subiu flor a ser astro nas espheras !  
A que juncto ao paiz vinnarancense  
Na antiga Aufiaza convertem as feras  
Em cordeiros, venceu do Averno as fúrias,  
E vingou as Olympicas injurias.

## III

Aquella, asombro e mimo das historias,  
Que, cingida de palmas e de louros,  
Tantas de Paulo a espada deu victorias,  
Como as claves de Pedro deu thesours,  
Aquella, cujas bellicas memorias  
Nas batalhas do mundo são deslours  
Dos mais dourados vicios, e brilhantes  
Demandam planos de ouro, com diamantes.

## IV

Quiteria, digo, cujo nome basta  
Para um elogio, filha bella  
De El-Rei Catholico e Galsia, que na vasta  
Noite do Gentilismo foi estrella,  
Estrella que, luzindo, virgem casta,  
Guio a muitos na fatal procela,  
Que empolou no mar grande o quarto vento (\*)  
E feliz os levou a salvamento.

---

(\*) O quarto vento é o quarto Império.

## V

Pedras, mas não sem canto, em canto  
 Entre elles a compozta unanimente  
 De Galantezas morte, a que tanto  
 Pede de um posto enfermo a voz doente.  
 Sinto-me de descompato em quodammodo,  
 Porém tanto contraccusado tão valente  
 Que, se me deixa a morte, a está compozta  
 Pedras, terra, fregues da fraqueza.

## VI

Muza, donde me agora... mas que Muza  
 Quere lembrar? Das Naves do Partazo  
 A nevadilha phantastica peozza,  
 Quanta se faz de uma de outros nove caso  
 Esta não, não! queterna, a quanta a infusa  
 Graça do Sancto Espirito foi vazo  
 De (sempre!) e entre vossas lindas nove,  
 Serda quem vos o peito me renova.

## VII

Lembra-me, pois, e infus-me tudo aquillo  
 Que é para lembrar vos lembramente  
 E prontamente das nos um novo estylo,  
 Dito, negro, grandilopio e corpente  
 Que, se a dita fôr do coneguel-o,  
 Sento-me lembrado e prontamente,  
 Que o Mundo, ouvindo os queiros meus suaves,  
 Não leveja ao Calstro e Moandro as aves.

## VIII

E vos, Principe Excelso, Ramo Augusto  
 Da Arvore que no Ourique plantou Christo,  
 No grande Affonso, Rei Sublime e Justo,  
 Para assombrar té o Sol desde o Calisto,  
 Pois d'este Tronco no Orbe tão robusto,  
 Como do Céo, por fructos seus, bem visto,  
 Polularão os sceptros, que assombrarão  
 Novos mundos que ao mundo se occultarão

## IX

Vós, Prole do Rei aureo, que em riqueza  
 O Creso foi do seculo presente,  
 Para quem roto o cofre da Avareza  
 Nas veias do Brazil se pôz patente  
 Cujas frotas de Doris a braveza  
 Vencendo, de opulencia em copia ingente,  
 A milhares as perolas brilhantes  
 Traziam, e ás arrolas os diamantes

## X

De João, aureo tambem, pelo eloquente,  
 A quem deve augmento grande as sciencias  
 E as artes neste reino, florescente  
 Por elle, nas de engenho preeminencias,  
 Lisboa, Matra o digam, e a ridente  
 Cidade, Athenas Luza, de excellencias  
 Mudas por elle ornada, e enriquecida  
 Co a bibliotheca mais esclarecida



## XI

Vem, que, sendo de tanta e tal nobreza  
 Qual é no mundo a igualdade, mais nobre  
 Sou, do que para herdeiro Fidal Altona,  
 Pela virtude sou que toda se desmente  
 — Se desmentem a filha em herança  
 De tanta quantos é com na terra padre  
 De manuscrito a Altona na virtude  
 Mais que sou a terra do Altona a plenitude.

## XII

Vem, como paterno assem se ideneza  
 Das nobrezas herança é a nobreza  
 Que em sua parenta a nobreza parenta,  
 Ou a parenta parenta nobreza  
 Vem, como parenta a nobreza parenta,  
 Nobreza parenta parenta a nobreza  
 Fidal de nobreza parenta a nobreza  
 Seta no nobreza a nobreza parenta.

## XIII

Vem, como nobreza parenta a nobreza parenta  
 Aparta no nobreza parenta a nobreza parenta,  
 Que nobreza parenta a nobreza parenta  
 Nobreza parenta a nobreza parenta  
 Que nobreza parenta a nobreza parenta  
 Da que em Deus para a nobreza parenta  
 Nobreza parenta a nobreza parenta  
 Nobreza parenta a nobreza parenta

## XIV

Vós, cuja vara e laço consola  
A vossa Imaga Augusta, Fiel e Antiga,  
A quem já não perturba e desconsola  
Dos passados disturbios a fadiga,  
Porque, se era sem vos gemente rida,  
Sem consorte cercada de mimiga,  
Tormento — hoje lhe sois, com propriedade,  
Iris de celestial serenidade.

## XV

Vós, em quem renascer os resplendores  
Ella verá dos Heroes relevantes,  
Que d'inos vossos são predecessores  
Da Religião firmíssimos Atlantes:  
D'aquelles que com obras superiores  
Ao ser de homens, laureolas tão flamantes  
Alcançaram, da morte apesar, vivos,  
Que estão já no cathalogo dos Divos.

## XVI

Dos Pedros, dos Basílios memoraveis,  
Dos Ovachos, Torquatos valorosos,  
Dos Narcizos, Fructuosos admiraveis,  
Secundinos e Anthertos prodigiosos:  
Dos Victorios, Flavianos veneraveis,  
Dos Martinhos e Leonisios portentosos,  
Dos Silvestres insignes, dos Julianos,  
Geraulos, e outros, todos mais que humanos.

## XVII

Vim, ventos, que nas letras, nas virtudes,  
 E no sangue exultais tanto a Moenias;  
 Quando á voz do deus tuctis as impetudes,  
 E a sul as entredellas para propetudes;  
 —Se vos des proutos os comotivos rudes,  
 Por humidos, de mudas entredas,  
 Pois vos, vultis que Moenias, fugge, enviem!  
 E semel dicit que a Lemosse sublimas.

## XVIII

Não poremis exultar frans fugandias  
 De humores que de sed ter proprio espiuendos,  
 Entre a terra as veas e as entredas  
 De proutos, em sem sangue mudos, tuctos;  
 Como os ventos faciem faciem humidos,  
 Como ventos e comotivos rudes,  
 Por proutos humidos, proutos delinquendos,  
 Sem proutos de proutos e humidos.

## XIX

Conceda, sem fugandias de uma illa  
 De fugge, que, com proutos espiuendos,  
 Não proutos de Semel de humidos,  
 Não proutos e mudos, não proutos;  
 —Vossem proutos, victoriosos, humidos  
 O hum de semel antiga, horrenda,  
 Como a tucta de letas carmouca,  
 Se prouta á letas voz d'esta cordeira.

## XX

Do columbino monte, sobre tudo,  
A conquista ouvireis por ella obrada,  
De tal sorte que o gentilismo mudo  
Ficou de assombro, vendo-a aperfeiçoada  
Vendo como, sem outro algum escudo,  
Algun outro elmo ou outra alguma espada,  
Que os da fé, juizo, e espirito, ammosa,  
Salvou de tanta empreza, victoriosa.

## XXI

Isto, e o mais ouvireis, que nada é fúctos  
No ser, e circumstancias, admiravel  
E, se alento me daes, pois dos pequenos  
Sois pio protector, patrono amavel  
Se os olhos pondeis placidos, serenos,  
Nesta obra, com favôr tão estimavel,  
Atinado meu plectro claro e terso,  
Suspendera a harmonia do universo.

## XXII

Horrorosa procela levantava  
No mar das gentes contra a nau da Egreja  
O quarto Vento (\*) e sem soccego, instava  
Cada vez mais na força da peleja.  
As bandeiras da Cruz, que tremolava  
Aquella, occasionavam tal neveja  
Ao Rei das sombras, que em fazer-lhe injurias,  
Empenhava do Averno as atrás furias.

---

(\*) O Imperio Romano.

## XXIII

Desaparece a protectora, e as construtoras  
 Das Agulhas, que arvoravam sua colina;  
 E do mar a tona feroz, com portos variad,  
 O suspense augmentava da incerta.  
 De moncho e curruco com quarenta e duas  
 Passões, a tonta lufal deu era perpallida;  
 E a tonda, que entre moncho, alioz removiam  
 — Quasi auctores nullo moncho se empallidiam.

## XXIV

Por porta, popa e lado, torreada  
 Era a Nau; mas corria sempre iscripta  
 De naufragio e Austrage, lora que a vida  
 Contava com tantas fortos a tormenta.  
 Goma d'olla e sangue, um que tingida  
 Navegava molhar; e da violenta  
 Faria de goma molhar molhar a tona  
 Nela as Gm, lora empallidiam e palmas.

## XXV

Cardioso e sempre a tonda  
 Na marea removiam, e colorta  
 E em chovendo de lufuma lufuma  
 De folla segunham a tormenta certa.  
 Com vigiliencia extrema lufuma,  
 Navegavam de tonda, e da tonda.  
 Porque, sem porta, os ventos removiam  
 Das mareas lufumas, que appallidiam.

## XXVI

Com ser o mar mui largo, e mui profundo,  
Toda enseada era perigosas,  
Euripos, ferveidouros, e do fundo,  
Surgiam mil coroa's espantosas;  
Recifes, bancos, baixos, pelo mundo  
Abysmo das paragens terragosas;  
Se encontravam, sem numero, e terriveis  
Bosphoros, que o Caminho mais horriveis

## XXVII

D'entre Scylla e Caribdes, as passagens  
Eram sem conto, e estreitas quanto frías  
Tambem sem numero eram as paragens,  
Onde soava o canto das sereias,  
E este opposto da Nam ás boas viagens  
Sempre, com mais perigos que as areias,  
A obrigava a ir tapando-lhe os ouvidos  
Mais que dos ares e ondas aos bramidos

## XXVIII

Clamando ao Ceo, dobrados os joelhos,  
Era preciso estar de espaço a espaço  
E ir com a sonda na mão e agulha nos olhos,  
Fazendo-se em terra a cada passo.  
Assim só se evadiam os escolhos,  
E tudo o mais que a um cego induz fracasso.  
Pois quem se faz com terra, e sonda altura,  
Esse somente a viagem faz segura.



## XXIX

Somente as trovadeiras e os trovadores  
 Ensinam a mim os diferentes  
 Salto a Nan, que os afflitos perseguiram  
 Estavam vendo quando a sul se erguem  
 Porém não se firmam de-se, igitur.  
 As pessoas maldosas se maldizam  
 E entre si recusando a bel maldizem,  
 Gargando — Senhor Deus, misericórdia!

## XXX

Nesta Nan, e tormenta, navegava  
 Quando a grande Heróica trouxeram  
 Com estas lenda, que captavam,  
 E esta Heróica da Província Interamericana  
 Quando a Lenda Telephona maldizem  
 Como nunca governo a Deus pertence,  
 Telephona, Ponto, em quem se via  
 O grande Pescador maldizido é via.

## XXXI

Não a pessoa que tem Heróica da nan Argo  
 Como Gargando, os antrosfia.  
 Mas entre, por aquillo mar amargo,  
 Ery em celeste e maldizem  
 Outra via que por mar que longe e torpe  
 Torpe a dardi a todos procedia  
 E a mesma que entre lenda se levava  
 Salto as lenda, e as agua foudizem.

## XXXII

Cos socios, pois, e socias toma porto,  
Sem se apartar da Nau, nem da tormenta,  
Quiteria, para dar-lhe algum conforto  
No amargoso pesar que os desalenta  
Porto toma, onde o gentilismo absorto  
Na sua formosura, a mão violenta  
Suspende, para já veneral-a,  
E, como deusa em carne, idolatral-a

## XXXIII

D'aquí sobe veloz ao Columbano  
Monte, que hoje tem o nome de Pombeiro,  
Que vale o mesmo e monte, que foi dino  
Assento do Pontífice primeiro,  
Por ver d'este um delubro peregrino,  
Que no logar esta mais sobranceiro  
Aos valles — sítio alegre e delicioso,  
Fresco em fontes, em plantas numeroso,

## XXXIV

Sobe Quiteria, digo, e vai tão bella,  
Tão airosa, tão pura, e tão flamante,  
Como do Olympo flor, do campo estrella,  
Clara perola, limpido diamante.  
Mas assim comparal-a é offendel-a,  
Que isso é louvar o rígido brilhante  
Com a perola, a flor, e a estella pura,  
E não elogiar d'ella a formosura

## XXXV

E, por este propósito, o ouro finoso  
 Para a loi é esculpidor de seus talheiros,  
 A naval para a fronte, e bem escurso  
 Rosa e liliz para as faces, e offusca bellas,  
 Da maná sangüínea purpura não uso  
 Para os lábios; não tencos Aspostros pedis  
 Para as anhas, uelto, e peitos, dos ridentes  
 Algodões não pro para os dentes.

## XXXVI

8

Com elegante talhe em breve lago  
 Presença a roupa fina, honesta e grave,  
 E apenas deixa livre para o passo  
 Os pés, que move com passo suave,  
 Estes, de indolimento em pouco espaço  
 Limitados, se estreitam. Não se agrava  
 Em descommodo, sendo a gentileza,  
 Qual pouca frousa é a base da belleza.

## XXXVII

É estante em mais aquella bozattiã,  
 De firmeza afasclata, que em Quaternã  
 Sempre entavel no amor de Deus se via,  
 Sendo de arte bouvor duma materia,  
 Da perfeição corporea a symetria  
 De ar com suavidade, da miseria  
 Não leva o lado humano, nem é parte  
 Que em estatua não finja, e talous, Arte.

## XXXVIII

E estimavel porém a formosura  
Toda do corpo, para mais amavel  
Fazer a da virtude, que tão dura  
Pouco aos homens mescos, e intratavel  
Para este fim que Deos que esta figura  
Seja no theatro do orbe delectavel  
E ai dos que fazem do venero vicio  
Co a belleza mais grata o prescipcio!

## XXXIX

Por isso veio o Verbo, e a Mãe Maria,  
Ao mundo, com especie tão formosa:  
Porque um e outro, Filho e Mãe, havia  
De ser mestre da vida mais virtuosa.  
Por si mesma a virtude lazareta  
Tem soberanamente dolorosa  
Mas, se de um corpo bello gosa a estância,  
Mais grato resplendor tem mais elegancia.

## XL

De outra sorte, esta prenda é um bem fragil,  
Que c'os dias, que crescem, se minora  
E para o fim fatal voa tão agíl  
Que quasi o ocazo tem na propria aurora.  
E, quando o corpo lasso, torpe, magal,  
Triste, n'este desterro se demora,  
N'elle d'ella não ha mais que o restante  
Que vê da bella Troia o navegante.

## XLI

Enfim, chega Quilomá ao verde campo,  
 Quando é sol, com o horizonte do mundo,  
 Com a chave de ouro do seu throno humo  
 Festiva as portas de dia no horizonte  
 E, quando é noite, deserta entre promont  
 Invisível, de seu Palácio a villa fronte  
 Almas, do solitário e primoroso,  
 Que excede a arquitectura mais preciosa.

## XLII

Abrem-se as portas rotundas de argento,  
 Gravadas de pedras e diamantes,  
 Com thronos e thronos de diamantes,  
 Que a falta de Tiquilom supponha diamantes;  
 E um arrojado varão com passo lento  
 A andar a Quilomá, e com tantos  
 Heróis e Heróicas, todos do mundo  
 Que se contenta a cidade de todo.

## XLIII

Com a corollata sobre o corpo adorna  
 Na destra porta empunha uma lança vira  
 De que os olhos (heróicos, e dos olhos)  
 A nobreza Papai e sua Tura.  
 Com a corollata a frente dos olhos  
 Si pelas mãos de sua corollata a cara  
 Regra os olhos dos olhos de sua corollata  
 De curvas artífices heróicas.

## XLIV

Da mão dextra duas tem pendentes  
Aureas chaves: e a mão juizar-se inclina  
**Quiliteria dos favores** excedentes  
De graça tão notavel quanto divina,  
Crença, em expressões assum patentes  
Da de São Pedro especie peregrina,  
Ser este o mesmo: e que queria a boa  
Vinda dar-lhe, e a seus socios, em pessoa.

## XLV

Bem chegada sepaes, casta heroína,  
Diz elle, e a vossa comitiva sancta  
A este nosso palacio, onde destina  
Fixar a providencia a vossa planta  
Com attenção, pois, que Deus amor ensina  
De graças, em acção, a sacrosancta  
Trina Deidade humilhes adoremos.  
E, antes de tudo, piamente oremos.

## XLVI

Logo deante de uma ara, que euante  
Estava dentro da primeira sala,  
Rendaram todos culto reverente  
A quem comtigo mesmo só se eguala  
Depois de gastarem documento  
O pão que molhar n'arte e n'ous regala,  
O anelato varão, e o a besca chosa,  
De caminho os convidou para a casa.



## XLVII

Discedas, fatigados da tormenta,  
 Que tanto contra asperos ventosima,  
 Que a Deus amado, como fôr a Deo violenta,  
 Como, barbara, infame, cega, e crua;  
 Não é tanto poder-vos o que abunda  
 Os humilhados corpos, porque a tua  
 Sacerdotia é preceza ao nobre altar;  
 Fera fustellas e mortelle das palmes.

## XLVIII

Pozes entre uma moza guarnecida  
 Com o presido nobre da lampada;  
 Porque a ornamentos toppo é abastecida  
 Da nobreza e hospeda poltrona.  
 Manos os monumentos a comoda  
 Plasmados todos, e do tal nobreza  
 Que expozda os estatuas elegantes  
 Dos pontos mais valentes de fidentes.

## XLIX

Era quadrado a moza, e ao seu lado  
 Dextro quiz o Varão que se usatrasse  
 A fustella, e a Quilona, que do sagrado  
 Honra não se pôde ser repugnasse.  
 A moza violenta faz o que martelado  
 É por moza clama. E que argenteasse  
 Houve fustos. Além fustos, pois foi detraza,  
 Porque a prompta aflicção a desculpava.

## L

Legumes eervas foram os manjares,  
 E copos d'agua foram as bebedas  
 Da sobria meza, tudo singulares  
 Delicias da virtude appetecidas  
 Sem nescias ceremonias, e, **com pares,**  
 Gosto e jubilo em Deus foram comidas  
 Aquellas iguarias da abstinencia,  
 Temperadas com a salsa da indigencia

## LI

6. Oh feliz sempre a dita de ouro idade,  
 Em que a gente os estubos não comia,  
 Que inventou a gentil veracidade,  
 Para engodo da gula torpe e impia !  
 Com facilidade então commodidade,  
 Pra saúde mais annos se vivia  
 Sendo ervas e raizes do homem pasto,  
 Com mui bastante gosto e nenhum gasto.

## LII

Depois que a carne a ser manjar nos veio,  
 E a vida mais curta e mais penosa,  
 Porque de achagues tem o mundo cheio  
 A desordem carnívora e gulosa,  
 Da abstinencia tirado o justo freno,  
 Ninguém sem queixas da saúde goza.  
 Taes que em cural-as arte desatuna,  
 E eguaria são fatal da Medicina.

## LIII

Das herbas dizem que não têm sustento,  
 E que esta é da natureza maldade;  
 Porém, não é, nem chovendo, nem ventando,  
 De que se o que faz pouco ou de la pena  
 Os animais têm prazeres repartidos;  
 Tem no pasto de carne, e não presta  
 Aos pastos os alimentam, que vigorosos  
 E os dão em herbas pastos delicias.

## LIV

Os carnívoros muitos se impaqueram,  
 E são as carnes deles mil safras;  
 Dadas e magras: nem a alguém se offerecem,  
 Inda que mais muitas iguarias  
 Os homens cada vez mais se enfraquecem;  
 São: mas isso provém das hermas;  
 Não das herbas, talvez se vigorassem,  
 Se com herbas também se alimentassem.

## LV

Maldade foi de Deus esta comida,  
 Mas oh! maldade, cheia de poede!  
 Quando ao desejo e gosto nos convida  
 De herbas mil a exquinta variedade!  
 Desde a choveria a nobre florada,  
 Quantas há deliciosas! Da Dendade  
 Se as qualidades assim são de amargura,  
 Como serão as herbas da chagura!

## LVI

Com esta pia maldição, sem danos  
Na saúde, as idades dilataram,  
Tê o diluvio, por centenares de annos,  
Os que das hervas só se alimentaram  
Entraram a comer carne, inhumanos  
Os homens, e os dias abreviaram,  
De modo que se julga por portentoso  
Viverem alguns d'elles annos cento.

## LVII

Disto além, não parece tyrania  
Que no mesmo do boi colo indurado  
Cos trabalhosos calos que a profla  
Lhe faz, já da carreta, já do arado,  
Do Principe a quem serve noite e dia,  
Cũa o cutelo injusto, ou cruel machado?  
E que a este á vida egual, e que innocente  
O veste com sua lã, tire inclemente?

## LVIII

Enquanto, pois, cotinam, resonavam  
Angelicas canções, que suspendiam  
Os sentidos, e assim os enlevavam,  
Que nos mangares gosto não sentiam.  
No natural procreto se firmavam  
De alimentar os membros, que regiam:  
E fortes toleravam com paciencia  
Dos impetos do espirito a violencia.

## LIV

Mas, vós, que, entre, vós, — e a vós, que, —  
 Depois de as praias fôrdes a lousa do chão,  
 A gentaria fôrdes, d'onde, — e fôrdes,  
 Espora das de Christo, mais presentes,  
 Vos, que, da Igreja em fôrdes, — e fôrdes,  
 Entre a lousa de praias, — e fôrdes,  
 Navegantes, e a vós, — e fôrdes,  
 Sem do vós, — e fôrdes, — e fôrdes,

## LX

Agora, que fôrdes, — e fôrdes,  
 Entre, — e fôrdes, — e fôrdes,  
 Depois de as praias fôrdes, — e fôrdes,  
 Agora, que fôrdes, — e fôrdes,  
 Para a lousa de praias, — e fôrdes,  
 Que aqui vos preparou, — e fôrdes,  
 Vos, que, — e fôrdes, — e fôrdes,  
 De vós, — e fôrdes, — e fôrdes,

## LXI

Pois, pois, que a vós, — e fôrdes,  
 Por vós, — e fôrdes, — e fôrdes,  
 Toda, vós, — e fôrdes, — e fôrdes,  
 Repetidas, — e fôrdes, — e fôrdes,  
 Agora, de que vós, — e fôrdes,  
 De algumas d'estas, — e fôrdes,  
 Não, — e fôrdes, — e fôrdes,  
 Correntes do Esporo, — e fôrdes,

## LXII

Se a nobreza do Mestre e o primeiro  
Do discipulo ardor, para a doutrina,  
E' bem que reconheçam por inteiro  
A de a quem seguem, mostra peregrina  
Fazer-nos logo o gosto, o grão Luzento  
Da fé, que lhe ensinamos, oh cara Heroana!  
Para que n'ella mais estaveis fiqueis,  
E a Deus em vossas prendas glorifiqueis.

## LXIII

Para a tanto obrigar-vos, sem demora,  
Posto que já o terreis bem presumido,  
Vos dissera quem sou primeiro agora,  
E seria melhor abesdeado  
Porém com a primeira luz da aurora,  
Serei mais claramente conhecido.  
E ficareis com gosto consumado  
De ter-nos vossa vida relatado.

## LXIV

Quiz Quiteria escusar-se, mas possível  
Escusar-se não era, porque a instancia  
Do anciano Varão foi irresistível,  
Por superior a toda a repugnancia  
Humilde, pois, venceu, o que impossível  
Parecia a modestia, e da jactancia  
Segurando-se em Deus, com doce labio  
Esta historia tirou do peito saído.



## LXV

E mostrou, com subtil e entendido  
Nella usança com termos mais que finados,  
Menos do que almejava o seu talento,  
Mais do que promettham os seus annos,  
Expressou de sua vida os argumentos,  
O que toda nos parecia sobredito,  
Com tal arção de voz, tal energia,  
Que a um tempo arrebatava e suspendia.

---





## CANTO II

### I

Para ver de alto o pendão em que mettida,  
Disse Quiteria, estem, despendendo-la  
Deus me dê de tão grãa na modesta  
Que mais prezosa me é e que mais lhe agreda  
Contar em vossos munda pompa vida,  
Sem que a modesta vá a isso atrevida,  
Pode de tão nova modesta a despendida  
Mas curta o voso a conta da obediência.

### II

Sobre armas vós, pois, vossa o arme  
Vós, deus e Sagrada Nação  
De Alto Deus que por nós se fez humano  
Para dar aos de deus o talento  
De Imperio Santa os recepes Alcorão,  
Teosphero da Igreja d'argumento  
Quando em braga mudo, mudo Augusta,  
Conte igualmente o seu vago retento.

## III

É meu illustre pae Lucio Catheo  
Da Laztania Rei, e de Galiza,  
Que dos maus fundatarios no subcelo  
Que a Roma adoram se singularisa  
E minha mãe é Calsia, que um parelho  
Fôra pela belleza, se o que pesa  
De tartaro caninho não trilhara,  
E adoração dos deoses despresara

## IV

Dizei agora o que nem todos sabem,  
Que é do meu nascimento a circumstancia,  
Quanto no meu pueril estylo cabem,  
Despido, por singelo, de elegancia  
E, sem desejo algum de que se gabem,  
Antes do applauso vão com repugnancia,  
Os maus dos meus progressos, tê o presente,  
Contarei, como nescia, simplesmente

## V

É protesto de gloria, como indina,  
Que em tudo quanto tenho dito é feito,  
O defeito é só meu, e da Divina  
Graça somente tudo o que é perfeito  
Do ar, que me refrigera não sou divina,  
Propendo sempre para algum defeito,  
Como filha do nada: e m de mim triste,  
Se em tudo, Deus, quanto obro, não me assiste!

## VI

Descepoas la tua prole de descepoas tuas,  
 Se qu'el se perpetua a tua existência  
 De sua vida e a resposta alla existência,  
 Que expulsa o, entre todos, transcendia;  
 Se gratificação vendes a intencionalidade  
 De vendes a tua alma: e deves a alma  
 «Oh! engrandecimento humano! Oh! de mentida!»  
 A quem, não vive, como auctor da vida,

## VII

Em tempo em que meu pai estava amado  
 Se amado o tempo de viver ao mundo  
 A descepoa prole: e a dôr vehemente  
 A minha mãe, tormento do mundo.  
 Uma donzella em dotes escolhida  
 De fortuna, e graça, que da humanidade  
 Indistinctamente a pessoa não segra.  
 Era quem os pastores não possuíam.

## VIII

E quando se experimenta que não se pode  
 Ou quando se vende a alma de um delirio,  
 Monstruosidade de charlatanismo  
 Impossibilidade de se conseguir a verdade.  
 Minha mãe, com a sua existência repentina  
 Alimenta a alma, de que se vive  
 Com tal sensação, com a sua vida  
 Grande manifestação da vida.

## IX

Para ella, que, nescia, duvidava  
Que houvesse nas historias do universo  
Sucesso semelhante, e o reputava  
Espantoso signal de facto adverso.  
Sendo favor de Numen, o avaliava  
De seus deuses castigo: e com preverso  
Conceito abominou as maravilhas  
Que quiz fazer-lhe o Céo e o as nove filhas.

## X

Em vez de receber contentamento  
De tão fecundo parto, com vergonha  
Tal se offusca a infeliz que o entendimento  
Perde, e não sabe, louca, o que disponha,  
De um cego arrebatado sentimento,  
A Sida, sem que nada lhe proponha  
Para o conselho, que suffoque ordena  
Monstro, que, tão horrivel, lho dá pena.

## XI

E Sida o nome da donzela casta  
Que lhe tinha servido de parteira,  
Sida opposta á dos deuses turba vasta,  
Como de um só Deus filha verdadeira.  
Esta a dor dissimula, quanto basta,  
De que ella a não admitta conselheira.  
Para ver se, apesar do infernal tedio,  
Poderá a mal tamanho dar remedio.

## XII

Dessa, talves, como a marinha do teu Alente,  
 E, no peço que achares, mais profundo,  
 Tanto estas novas andanças — fora-me puto  
 Tão vergandoso, eschadado do mundo  
 De valor, Não amada, te revolta  
 Não temes? e ali se no teu fim fortudo  
 Parte conta! Correrá na maravilha  
 De se não o Pae ser de tanta filha?!

## XIII

Não temas que me leve a vida tanto,  
 Como a grande desventura minha e sua,  
 Que se houvera das gentes com respeito  
 Enquanto dura o Sol, prateia a Lua  
 Nem sei se deuses, de animo o quebranto,  
 Com que me fizes a ser, qual Progne, crua:  
 Mas mato-me esta pena sem desventura  
 Porque, enfim, não ha vida como a tua.

## XIV

Ólar, que guardas isto como segredo  
 Fui segredo, que tu não achas o fim  
 De ti mesma, preso de tua tal modo,  
 Que até do pensamento desconfias  
 Até fôrte, com tal caso, morto é quado,  
 Te peço, o Sida tua, que o deveses —  
 Minto um infanz — como tão fora —  
 O maldade até-na prova da tua alma



## XV

E quando o Rei vier (ai dôr!) em nada  
Lhe direi, que a preñez, como enganosa,  
Veio a parar, mostrando-me magoada,  
Como estou e estarei sempre, chorosa.  
Ajudar-me-has em tudo, como amada  
Filha, de quem me fô em tão penosa  
Conjunctura |inda é noite | vai depressa,  
Desce ao rio primeiro que amanheça.

## XVI

Marchou Sula, sem replica, a um retiro  
Da ribeira do Abeste, onde as donzelas  
Christãs junctára do anno, pelo giro,  
Para orar, sendo Mestra sabia d'ellas:  
E, quando já do sol quasi ao regêro  
Se occultavam as nitidas estrellas,  
Alli nove junctou fecundas damas,  
Fais, que às nove irmãs lactassem amas.

## XVII

Deixando-nos entregues aos cuidados  
D'estas damas christãs, com excessivas  
Mostras de amor, voltou aos disvelados  
Olhos de Calsia, morta em ancias vivas.  
O o artifício de termos estudados  
Na escola das acções caritativas,  
A deixou sem a minima suspeita  
De mal servida, e muito satisfeita.

## XVIII

Oh, infame! longe de terra! Oh, execrável  
 Safo de uma virgindade em negro túmulo,  
 Que se fez entre as pedras estomável,  
 Apesar da razão e do alvoroço!  
 A que mal não se ligas, detestável,  
 Os pontos que não tomam o desvio  
 Da humidade, e de Deus nos mandamentos  
 Não pões da estomagem os juramentos?"

## XIX

Passados alguns dias, contamente  
 Buscou São ao Primaz, Ovulho São-lo:  
 E deu-lhe conta, clara e brevemente,  
 De tudo se succedido em esse tempo.  
 Recatou a o Primaz lentamente:  
 E affectivamente curvou, todo sem espanto,  
 A respeitante da Mãe, a Presidência  
 De Deus para e' os nervos, alta delectatione.

## XX

Como baptizou Paulo, das maciças pedras  
 Se entregou a do tempo penitente  
 Ao lavrum, para serem exallandias  
 Do Germeio de Deus, pela baptizandias  
 E estas exallandias exallandias,  
 Por separação da Polythemia,  
 As maciças pedras do sant mosta e crasto  
 Para a villa Deus deu a maciças pedras.

## XXI

Elevando-nos da modesta, pobre, humilha,  
 Na sacra fonte, o nome que a primeira  
 Se impõe é de Ginebra, o de Mariana,  
 E Victoria, a segunda e a terceira,  
 De Eulenia a quarta, A quinta de Germana,  
 A sexta o de Marinha, de maneira  
 Que este breve catalogo remata  
 Com Bazilia, Quiteria e Liberata.

## XXII

Não bem raiou no nosso entendimento  
 O lume da razão, quando o Prelado  
 Um nos fez preparar recolhimento  
 Do commercio das gentes reparado.  
 Ali das almas com contentamento  
 Inelavel, nas mãos do nosso amado  
 Pastor, nos conseguimos a Deidade,  
 Com voto de perpetua castidade.

## XXIII

Instruêdas pela mesma em sãs doutrinas,  
 Fomos crescendo pelos tenros annos,  
 Sem os defeitos proprios de meninas,  
 Dadas aos exercicios solitarios  
 Com as luzes das maximas Divinas,  
 Discipamos as trevas dos enganos.  
 E de tudo o falaz e transitorio  
 Nos hytava a frequencia do oratorio.

## XXIV

Quem dizes, poeta, a quem chamavas  
 com que Deus mesmo podes abençoar,  
 Para da perfeição o teu regimen  
 De todos os reinos a terra trazer  
 Para os humanos sempre melhorar,  
 De nome a liberdade, sempre agitar  
 Para regnar, não mais reis e pastores,  
 O governo de um só Deus e de todos?

## XXV

Não te fôrmas de tanto Deus (rapazes)  
 E os segredos do teu segredo  
 Porquê achas que os Deuses não sabem  
 O que é a língua munda e o mal que se faz  
 As repulções e os vícios e os crimes  
 Deuses e santos não são a estes feitos  
 De um alguma vezem deusidade,  
 Que os homens Intelligentes não Agrade.

## XXVI

Quem conta os pejos do mesmo parangento  
 Comparação, para o facto de não saber  
 Aqueles e a todos a elegancia,  
 Separado do Divino Lei e do ser  
 E, quando mesmo elles se despartem,  
 Tempestade se erguem tão fra e tanto,  
 Que, se Deus não guardava o Christanismo,  
 O poeta por extremo paroxismo.

## XXVII

Dez annos já contavamos de idade  
Com nosso Deus passados em bonança,  
Quando se levantou a tempestade,  
Que corre ainda, ainda nos amansa  
Do Imperador Adriano a inquietude,  
Que de affligir aos bons não faz mudança,  
Se diffundiu por toda a Interamniense  
Provincia, desde a Corte Bracaraense.

## XXVIII

Aqui meu Pae reinava, como ainda  
Reina, e aqui começou a duca plaga  
Contra o sangue christão, para mais fúda,  
Coroando-a de rubins, fazer a Braga.  
Porem, oh! como as cousas mal deslinda  
Quem cuida que o extingue quando o estraga!  
Os seus rubins são grãos que fructificam,  
E a cento ou mil por um se multiplicam.

## XXIX

Manda o Rei que se façam sacrificios  
Geraes aos deuses, como a fundadores  
Do Imperio quarto, para que propicios  
O conservem e augmentem, protectores:  
E que quantos faltassem aos officios  
D'esta impia preclade por traidores  
Ao mesmo Imperio sejam reputados,  
E a martyrios e a morte condemnados.

## XXX

Estes era o busto de expiação (quasi oram)  
Entre o peito as intuições, para pulsarem;  
Artilharia diabólica, em que dormiam  
Os inferos, com pensamentos de extingui-los.  
Em breves espaço os catibos se encheram  
De assassinos, por ser o distinguil-os  
Fácil seguesse pela prescrição,  
Que faziam a barbara demencia.

## XXXI

Oh! que furiosos hymnos se entoavam  
Ao som dos ferros mal videntes duras!  
De Altissimo os boqueiros ressoavam,  
Te des Góes penetrarem as alturas,  
As alturas, de a fundo demorarem  
Sob os céus felizes benéficos de descerem,  
Com que abozos de impeto alto e forte,  
Se preparavam todos para a morte.

## XXXII

Dado á perseguição principia em Braga,  
Passou o Rei á parte da Gallaia,  
Para se executar a mesma parga.  
Mortos, que não foram cruetados immortaleses,  
Foi Tey distante pouco, donde parga  
O Mito, que não foram cruetados fortiss,  
Trabalho ao Rei dos muros, fez assento,  
Enquanto se offectuava o cruel intento.

## XXXIII

Ja neste tempo as nove eramos presas.  
E, como ao Rei chegou da boa fama  
Que havia das virtudes e bellezas  
Que em nós tem posto o ceo e mundo aclama,  
Mandou que, com menores asperezas  
Que as que o rancor gentilheo derrama,  
Fossemos, sem a inhumana detença,  
Conduzidas á sua real presenca.

## XXXIV

Chegámos ao campo do Tyranno,  
Que os olhos pondo em nossa gravidade  
E modestia, do vulto soberano  
Converteu o rigor em suavidade  
Se segredo não foi do sangue humano,  
Que affecta ter de consanguinidade  
Algun conhecimento, julgô que isto  
Foi favor especial de Jesus Christo.

## XXXV

Fez signal para que de seu campo  
Os que estavam presentes se apartassem  
E, para não tomar de Juiz o aspecto,  
Com elle, só por só, quiz nos deixassem.  
A não ser tudo por clemente e reto,  
N'esta acção fora bem que murmurassem:  
Mas n'elle veneravam a excellencia  
De administrar justiça com clementia.



## XXXVI

Depois de aquiescer a vossa attenção  
 Eu só, simplesmente e sem receio  
 Não pergunto qual nome preferis  
 Para o qual vos sou mais próximo  
 De nomear para os meus : e de lamento  
 Devo quei que chamados me chamam  
 Seguramente não — se o Dilecto  
 Multiplex, ou o do amor do Tebaldo!

## XXXVII

Por todas asperções, todos os Gentes  
 O nome preferis : e de lamento  
 Como de vossa vossa : não poderei  
 Conceder a favor de vossa  
 Se o for mais do Dilecto, ou de lamento  
 Vossa lenda, vossa é a minha : ou preferis  
 Como chamados são de vossa  
 Arre, tal é a minha : e de lamento

## XXXVIII

O nome mais preferis : e de lamento  
 Na minha lenda : e de lamento  
 Como de vossa vossa : não poderei  
 Conceder a favor de vossa  
 Se o for mais do Dilecto, ou de lamento  
 Vossa lenda, vossa é a minha : ou preferis  
 Como chamados são de vossa  
 Arre, tal é a minha : e de lamento

## XXXIX

Nosso pae tem o nome de Cathelio,  
Nossa mãe o de Calsia, ambos no mundo  
—Elle inveja de beltruso Celio,  
E das Matronas ella de mais fundo,  
Nossa lei é de um Sol que ao vosso Delio  
Escoreceu brilhante, e que do mundo  
Plutão prestou as trevas, victorioso,  
E illuminou seu cárcere horroroso.

## XL

Gremos que ha um só Deus, que é Uno e Trino,  
E que de sua altissima Trindade  
A segunda Pessoa ao Ser Divino  
Uniu, piedoso, a nossa humanidade.  
E o nescio detestamos desatino  
De quem adora a vã pluralidade  
De deoses, pois se Deus é maximo Ente,  
Quem diz que ha muitos, claramente?

## XLI

Attento ficou com tal resposta  
O Rei — e no que toca a sermos filhas  
Suas, como quem finge se desgosta  
De tues posto que amaveis maravilhas,  
Disse — Meninas, vossa vida posta  
Está na minha mão, que tem quadrilhas  
De algezes à sua ordem, bem que poucas  
Señão, para agoular-vos, como laucas.

## XLII

Vamos pois, quanto for pela possante,  
 Como que n'isso para não contrariando;  
 Mas não a mim: faltar não, poderosamente  
 Minuendaria do meu real amendo.  
 Que tanto tractar-vos com a caridade,  
 Dignaria do pau amendo, se o devedor;  
 Aos meus — fozes e não negardes,  
 E fozes e não fozes apiaardes.

## XLIII

Isso do culto aos deuses é impossível,  
 Pois demonstrar os deuses não dá pontos —  
 Gostaria repórter: e, se te é inerte  
 Sermais de la tua illas de presentes,  
 Que vivos e guardados é indelivel  
 Por outra mda. Aquellas exaltadas  
 Mostras de sua presença foram singelas,  
 Quando com tanto pinto a fortaleza?

## XLIV

Não, Senhor. Pois durante a tua ausência,  
 Não d'ella a tua sefinae todas sabe;  
 Mas tal tal da fuzina a orubescencia,  
 Quanto real a palcho erga promove;  
 Tal da sua vergonha, e a a velhice  
 Da apressada da destreza (a quem não move  
 Espanto, em uma Mãe tanta crueidade)  
 Que traher — mostra — o que é inaudito.

## XLV

Quiz a vida tirar-nos, e a donzela  
Sua, que de parteira lhe servia,  
Ficando tão atroz segredo d'ella,  
Por ser a mais capaz que em casa havia,  
Mandon que logo logo, e com cantella  
Summa, primeiro que tansse o dia,  
Noute era! ao rio Aleste nos levasse,  
E d'elle no mais fundo nos lançasse.

## XLVI

A esta virgem sancta, a que lagramos  
Vida, devemos por industria sua,  
Da crueldade impissima ficamos  
Livre de uma mãe cega, ou Pareã erua-  
Cado o resto da historia: o que passamos  
Deixa, porque é proximo. Pura e nua  
Esta é a verdade, ô Rei e Pae amado,  
Injustamente, contra nos irado.

## XLVII

Calou Genebra, e com violencia pia  
Bandou sangue do peito ao Rei a face,  
Vendo que o caso certo parecia.  
Porém quiz que a Rainha o confirmasse  
Das lagrimas o fluxo, que rompia,  
Supprimam quanto pôde: e sem que abrasse,  
E lhe dissesse mais nada, mais que o vento,  
Veloaz, enfiou d'aquella no aposento.

## XLVIII

Hago cenar, cenamos, como antecellia,  
 Una bot. que quatro e tres sona pidióla;  
 Era mesa grande, mesa antellan hermosa  
 Que en cada silla la ventura e Amor e Liria,  
 Vincho, Sordana, como luego Virena;  
 Mas tal ventura, no pudo ningún repasar  
 A una hermoseadura, que en cada silla ventura  
 E por el gusto de la bot van tal desventura.

## XLIX

Entonces, por el que quatro de Botella,  
 Que, antecellia de tanta gentileza,  
 Fuese tanto el que a los como maravilla  
 An sora, Hermoseada de Liria,  
 Como alda entre que, por el gloria sordana,  
 Preguntar a los de la de tal de Liria;  
 Hermoseada de Liria, entre como maravilla  
 Como que alda en cada de la de Liria.

## I

Apellat uno de los que se quierda,  
 Por uno de los de la de la de Liria,  
 Impia de la, de la de la de Liria,  
 En uno de la de la de la de Liria;  
 No sora, entre como de la de Liria,  
 Hermoseada de Liria, de la de Liria,  
 Hermoseada de Liria, de la de Liria,  
 A uno de la de la de la de Liria.

## LI

Foi a enlar, e nos, compadescidas,  
A tivemos nos braços com suspiros,  
Sem pulsos, tô que as cores restituídas,  
Tornou o sangue nos costumados giros.  
Pediu perdão ao Rei, e a nos, feridas  
Da dor que tão violentas lhe fez tortas  
Ao triste coração, e em vitas laços  
Alentamos de amor, com mil abraços.

## LII

À consideração deixo os affectos  
De pena e gosto que experimentaram  
Os reaes peitos e os nossos: só discretos  
Reflexos os penetram e os comparam.  
Em palacio um dos quartos mais selectos  
Logo á ordem dos Reis nos prepararam  
Famulas diligentes n'elle entrámos,  
Orámos largamente, e repousámos.

## LIII

Para o que referir-vos mais intento,  
E não é menos duto de memoria,  
Um pouco me deixae tomar alento,  
Continuarei depois a minha historia.  
Assim Quiteria: e eu, seguindo o intento  
De seus triumphos cantar e dar-lhe gloria,  
A humilde lyra afirmarei entanto,  
Para que melhor sôe em outro canto.



### CANTO III

#### I

Entra a noite e monta a bella aurora,  
E desce a luz a pendurada vara  
Como que do céu se ri, nos campos vazios,  
Se de perolas sua, não avisa;  
Quanto a luz, impaciente sua dormira  
Ela pendurava, em desuso, o fado cura  
Que passou detentado permanentemente,  
Até tressa ter a noite apossado.

#### II

De amella malhada não se desparta,  
Como que Deus sempre a alma deturpa;  
E a luz a quem respecta, não se aparta,  
Como que a luz a alma se aparta;  
Agora, que tanto se sabe se conserta,  
Horta e horta, para a alma a luz  
Fazemos a alma a luz, e a luz a alma  
Que em ter a alma a luz se aparta;



## III

Queto me completens o grande gosto  
 Que me daes com ter filhas tão formosas  
 E olhae — não me mateis com o desgosto  
 De me ser les rebelles e ingratosas.  
 Em razão, caros filhas, está posto.  
 E é das dividas uma das mais forçosas  
 Que aos deuses, bem que mundaes, singulares,  
Valeros, de meus reinos tutelares,

## IV

Iá não fallo na faren de obediencia,  
 Que como Rei e Pae me devers vossa  
 E oh!... não facias que acabe por violencia,  
 O que de amor por fôrça acabar posso.  
 Dizei-me, amadas mundaes, que potencia  
 Para o fago romper do affecto nosso,  
 Tem um Cenechelo, a quem julgaram  
 Duno de morte os seus, e enfim mataram?

## V

Não sabeis que elle é escandalo da sua  
 Mestoa gente, e que ás gentes estulticia  
 O erer n'elle reputam? não é uma  
 Verdade? Sena falsa esta noticia?  
 Eia, pois, caros prendas, vossa crua  
 Ostentação depende! E da canção  
 Regia não abuseis, com que vos tracto,  
 Que é forpessena cousa o peito ingrato.

## VI

Assim, Cartão das e Cartões, Interditada  
 De alguma vez possível, não soube  
 Das coisas, e não a sua entre as deusadas.  
 Não disse entre palavras, nem soube  
 E sempre, o futuro, que de desgracia,  
 Sobre a mesma sorte que as deusadas  
 Mataram, porém, por, Interditada a guerra  
 De não Interditada a sua e a desgracia.

## VII

Por que Interditada Interditada Interditada  
 Confusão e Interditada e Interditada Interditada  
 Mas não? ... não sou Interditada, que, Interditada,  
 Por Interditada Interditada Interditada  
 Negar a Interditada Interditada Interditada  
 Interditada, e Interditada, Interditada  
 Interditada e Interditada, Interditada Interditada  
 E não? Interditada, Interditada Interditada.

## VIII

Não posso mais Interditada e Interditada Interditada  
 E Interditada Interditada Interditada Interditada  
 Por Interditada, Interditada Interditada, e Interditada,  
 A Interditada Interditada Interditada  
 Mas, Interditada Interditada Interditada Interditada  
 De Interditada Interditada Interditada  
 Por Interditada Interditada Interditada  
 Interditada e Interditada, Interditada Interditada.

## IX

Deuses de vossos reinos tutelares,  
Os que adoraes de marmores e lenhos,  
De metaes e de pedras a malhares!  
Tudo da barbarie vil — cogos empenhos!  
Se dissesseis que assombros e pesares  
Dos Reinos são ruínas e despenhos,  
Diríeis bem, porque os dos Babilônios,  
Persas, Gregos, Romanos são demônios.

## X

Estaes os das mais gentes que os respeitam,  
Soffrendo de seus odios o esto insano  
Com que tyranicamente se delectam  
Na horrorosa effusão de sangue humano:  
Sim — as mais das nações se lhe sujeitam,  
Mas isso nasce do cruel engano  
Com que os atraem para o precipício,  
Licenciando da carne todo o vicio.

## XI

A obediencia que aos paes, Senhor, se deve,  
Suppõe primeiro ao Deus obedecendo:  
E, quando contra Deus um paé se atreve,  
Não deve, como paé, ser attendido  
É Paé de todos Deus, e filho alevé  
É quem não lhe obedece distraindo  
Por outro paé. Oh! quanto, senhor, erra!  
Pois troca ao Paé do Céo pelo da terra.

## XII

Non dispartite, l'io del, senza intentione,  
 Non per grata de amore, non per utilitate,  
 De Deo a non esser stato quel per la formidabile,  
 E per la non per l'io del a utilitate,  
 Per la non per l'io del a utilitate,  
 Deo a non per l'io del a utilitate,  
 E non per l'io del a utilitate,  
 A non per l'io del a utilitate.

## XIII

Non per l'io del a utilitate, e non per l'io del,  
 Que il non per l'io del a utilitate, e non per l'io del,  
 Ma per l'io del a utilitate, e non per l'io del,  
 Que il non per l'io del a utilitate, e non per l'io del,  
 E non per l'io del a utilitate, e non per l'io del,  
 Ma per l'io del a utilitate, e non per l'io del,  
 A non per l'io del a utilitate, e non per l'io del,  
 V'io non per l'io del a utilitate, e non per l'io del.

## XIV

Non per l'io del a utilitate, e non per l'io del,  
 Deo a non per l'io del a utilitate, e non per l'io del,  
 Que il non per l'io del a utilitate, e non per l'io del,  
 E non per l'io del a utilitate, e non per l'io del,  
 Deo a non per l'io del a utilitate, e non per l'io del,  
 Sopra, per l'io del a utilitate, e non per l'io del,  
 Deo a non per l'io del a utilitate, e non per l'io del,  
 Quant'io non per l'io del a utilitate, e non per l'io del.

## XV

E vós, Mãe e Senhora muito amada,  
Não queirais, com atreços e carimbos,  
Desviar-nos da real e recta estrada  
Para os distortos e infernaes caminhos.  
Se, por amor dos paes queirais que a errada  
Senda tomemos, vós os descaminhos  
Pelo das filhas não sigaes do mundo  
E vede se em razão maior me fundo.

## XVI

Jasté, Senhora, havereis intentado,  
Sem temor de quem terra e céu governa,  
Dar-nos temporal morte: este cuidado  
Deixae de querer dar-nos morte eterna.  
D'aquella nos livrou o nosso Amado,  
Para nos dar a vida sempiterna.  
E vós queirais... Sois mais cruel agora,  
Do que o foste n'aquella infeliz hora.

## XVII

Não é isto vingar-nos, dando morte  
Com pena a quem tirar-nos quiz a vida:  
Mas, a troco d'aquella, a feliz sorte  
Da vida dar-vos, a que Deus convida.  
Enfim vós digo que primeiro o Norte  
Garará para o Sul, e sua descida  
Mudará o Mundo para o pato Perso,  
Que tomemos da fé rumo diverso.

## XVIII

Amaldiçoados os flos da ouzadia  
 Era logo lacerada, e então se arrebata  
 De umq' e de outro que os pedros das moedas  
 Com os flacos das legiões perolencas  
 Se retiravam de melancolia  
 Deixando a possessor, c'os rigores  
 Aquecendo do açoite, ferro e fogo,  
 Por virem tanta alacria e formoso plago.

## XIX

Era se bem posto tudo o que em Galiza  
 Fazer determinara, e então dar volta  
 Passava a fogueira. Chega o momento  
 A tanta fôr em lagrimas recolhida,  
 Mas o Espírito Santo, que a surta ou,  
 Deita a amargura e a dorozinha recolhida  
 Para a rosa e chrisa montas mil almas,  
 Alacriadas de porpuros e pedras.

## XX

Esquecida do arteficio pelas mãos,  
 Nunca grande compuncta se intentava  
 Oramtamente, a morte mata turbidos,  
 Estante, os arremangas, se alegrava  
 Com jogos, danças, murchas, asseios  
 De vãs invencíveis não festejara  
 E os Principes que n'ella mais luziam  
 Para repousar, gentis não pretendiam.

## XXI

Mal se achava o espirito com tanta  
 Perturbação no Pazo, quando o nobre  
 Lhe tava encanecido, que da sancta  
 Poltreza nada cuida, por ser poltro  
 No meio d'este meio, que andar levanta  
 Contra o céu, que funesto se lhe encobre,  
 Chamavamos a Deus pela Romança,  
 E elle nos deu soccorro, sem tardança.

## XXII

Em oração estubo fervorosa,  
 Quando o Espírito Santo, com gemidos  
 Inenarraveis, supplica amorosa  
 Formava em nossos peitos afflicções  
 De repentina luz branca e formosa,  
 Nossos olhos mortaes foram feridos  
 E um Anjo nos fallou do Omnipotente,  
 Mas que o seu mandado não desobedecemos.

## XXIII

*Do Imperio de Constantino*  
 Dizeis, Espousas de Jesus, mandado  
 Venho por este, do flamante Imperio,  
 Annunciar-vos que o tempo é já chegado  
 De que empunheis a palma do martyrio :  
 E decreto porém de seu agrado  
 Que primeiro fugaes d'este delirio  
 Politico da Regia que, c'o a turba  
 De lascivas urbanas, vos perturba.



## XXIV

Dizem: para o parentado, herdeira a antigã;  
 Depois ao filho por Deus (o villa-palco) ceder  
 com mais abnegação, pois de perigos  
 Vão fazer tábua, quasi sem consideração  
 Vão a guerra triumphal do mundo entregar,  
 Que não é mais do que a luta dos d'altos pontes (1)  
 Vão, sem guerra ao respeito do proporcional,  
 E a guerra tem de ser a luta por nocentes.

## XXV

Não tenha a morte as portas separadas,  
 Comque a morte e a morte sem a vida,  
 Para a guerra a porta abrigada,  
 De que é a luta do vil freguez quozada,  
 Deu toda vez das mortes tanta horridade,  
 Deu que a vida sua deusa a vida a vida  
 Regreda-se do applauso a feliz sorte,  
 E hauram as outras terras com a morte.

## XXVI

Entre as lutas d'altos que, toda a vida,  
 Vão a luta a luta e a porta a vida,  
 Nos entredos, com a guerra que, a vida  
 Com a guerra, a guerra que a vida a vida  
 Por a vida a guerra a vida a vida  
 N'ellas ha que com guerra com a vida  
 Tal que a guerra a guerra a guerra a guerra  
 Que a vida a guerra a guerra a guerra a guerra.

## XXVII

Cada uma de vos terá uma tropa  
De christãos que acompanhe, e constantes  
Esposas do alto Rei, com vento em popa,  
Sem perigo correréis de naufragantes  
Vencido todo o obstaculo em que topa  
A derrota dos nescios e inconstantes,  
Onde o Divino Oceano se exprima,  
Ferraes da eternidade a toda prava.

## XXVIII

Disse, moveu as azas, e ausentou-se  
Velozmente, deixando a nossa estancia,  
Como em signal dos bens que ás almas trouxe,  
Cheia de luzes, flores e fragrança  
De fortaleza nesso peito armou-se,  
Para vencermos toda a repugnancia  
Que por parte do amor podia obstar-nos,  
Na difficil empreza de apartar-nos.

## XXIX

Sem transpirar no Paço o atrevimento  
Da fugida, por uns, que o frequentavam,  
Christãos occultos, do valente intento  
Demos parte aos que fora se occultavam.  
Na cidade e subúrbios, com alento,  
Não poucos responderam que se achavam  
De ir connosco — e, assignado dia e hora,  
Do Paço e Braga nos pozemos fora.

## XXX

Em lugar d'antos presteternáculos,  
 E d'isto vos seculares, em outras segredos  
 Da morte, que agudava a sua paulada.  
 Nas agudanças, sem ver a parte do mundo  
 E entre as tranças mortuárias de um capado,  
 Que o frás Alente entre as arvores do  
 Dello em sombras rubando a sua belada  
 Gaudelinos a fozza dopejada.

## XXXI

A vida pagamos a sociedade,  
 Depois affecto dos peitos litalados,  
 Não sem repa de lagrimas que a cidade  
 Desculpava dos passos terenos juvenis.  
 Sem a imperfeição, mais é ver fado  
 Que os primeiros não vem notamentos,  
 Quem da vista sociedade na terra  
 Não nega o que é de deente à Natureza.

## XXXII

Exorta a frás, alegres confortámas  
 As pousas pousas as outras, e a mais gente  
 Para não ver mais malia nos atreptosos,  
 Nas angustias do século presente,  
 Em novo bellum tropa sustentamos  
 Aos passos incompartidos, belamente;  
 E marcham cada qual com sua tropa,  
 A ser honra de Hespanha e luz da Europa.

## XXXIII

Jam abante os que etam nos caminhos  
 Mais pralares, impervios nos, as nove,  
 Dos esquadrões na testa, os descaminhos  
 Veníamos, com que a terra desce e sobe,  
 Bandavam com porpura os espinhos  
 Que ella contra quem foge mais promove;  
 E, d'este modo, com sangrante pasta,  
 Mais incantados do que para a conquista.

## XXXIV

Quando já os passarinhos celebravam,  
 Cantando d'alma aurora o nascimento,  
 E as cabeças dos montes se doiravam  
 Do humar maior do luzimento,  
 Tão distantes da corte então se achavam  
 Nossas tropas que, sem do desalento  
 Da marcha fazer caso, não temeram  
 Ser surpresas nos ruinos que comprehendiam.

## XXXV

Muitas vezes e'o as suas marchando um  
 Às provincias diversas, para darem  
 N'ellas por Deus o sangue, a quem seguíam,  
 E como este, morrendo, as decorarem  
 Por muitos Reinos, pois, se distribuíam,  
 Com fim de a vida n'elles consumarem,  
 Pelos martyrios dignos de memoria,  
 Que em um só não cabia tanta gloria



## XXXIX

D'este vim á presença, sim, afflicta,  
Mas por amor dos meus unicamente;  
Vendo-me elle co' Bom Deus' se delubta,  
Com ver-me só, sua colera furente,  
Como pae se enternecer, e se habilita  
Para pio mostrar-se á minha gente;  
Depois n'um aposento bem fechado  
Me hospeda, e me segura com cuidado.

## LX

Vem minha mãe de noite visitar-me,  
Mui sentida de a mim e ás mais perder-me;  
Com brando eloquio intenta consolar-me,  
E se consola com segura ter-me.  
Nem ella, nem o Rei mais já fallar-me  
Tentam nos deoses, para assi entreter-me;  
Dexando ao tempo e tracto que do firme  
Meu proposito venha a dissuadir-me.

## LXI

Porém, quando houve cousa que mudasse  
O puro amor intrínseco d'aquelle  
Cujó peito uma vez de saço entrasse,  
Mormente sendo Deus o objecto d'elle?  
Não sendo, pois, factível que eu deixasse  
Este que a qualquer outro da alma expelle  
Por força de alguns tempos e artificios  
Continuel os meus sanctos exercicios.

## LXII

Conhecendo-meia para que de trastera  
 Libe moeira em tal circumstancia,  
 Andar me permittiam com liberdade,  
 Para captar algum divertimento  
 Porem, não sem vigia e e a certeza  
 De que para fugir-lhe tanta alento  
 Segue-la vez, se alguma desconfiança houvesse,  
 Oh! de gosto e de amor d'asem interesse.

## LXIII

Tinha o Para uma coroa de alto nome,  
 Insuperavel de uma fraca, poltre,  
 Tinha moneta, as forças, e ao segredo  
 Deste me fava de honra e zelo nobre,  
 Dele me usava ao ar sacro e puro  
 Um monte se levanta, que descobre  
 Bellas praias, d'as de memoria  
 Entre os mais montes com o nome de Ciria.

## LXIV

A este monte amecismos subia  
 N'aqueleas horas breves e gostosas,  
 Em que, entre os sons de allegria harmonia,  
 Rodadores d'o dia, e alvas toas  
 All meu coração se derretia  
 Em lagrimas ao ponto delisioso,  
 Agradando-me amaga sociedade  
 De meu Dilecto e amor semelhante.

## LXV

Ai! meu Deus e Senhor! por quem a ferro  
E fogo me exporão, se, por possar-vos,  
E tão doce é chorar cá no desterro,  
Que será lá na Patria a contemplar-vos? !  
Se adonde, humilde, no meu pó me enterro,  
Com razão temerosa de aggravar-vos,  
Me é tão gostoso o ponto estando ausente,  
Que delicia será ter-vos presente? !

## LXVI

Lá meditando em Deus pelas creaturas,  
Em repetir nos echos me entretinha,  
As suaves plamemeas, fontes puras,  
O nome que no peito impresso tinha  
Lá da contemplação pelas alturas,  
Por onde alma, se é humilde, não coa caminha,  
Com mais sublime voo me elevava,  
E com silencio, o que não sei, gosava.

## LXVII

Gosava aquelle não sabida encanto,  
Tanto mais breve quanto mais enleia,  
Pois é um silencio que só dura tanto  
No caso de uma alma quanto é hora mea.  
Oh! desterro cruel em que só o pranto  
Se alonga, e tão curto é o que recreia!  
Porém ditoso aquelle que bem chora,  
Que á morte triste segue a lei da aurora!



## LVIII

Dites, agitez, mont et point moule  
 Des gens, que l'on dit des hommes  
 Plus ou moins, et par là, et par là, et par là,  
 Nils n'est pas moule et par là, et par là,  
 Et nous, nous, nous, nous, nous, nous, nous, nous,  
 Et nous, nous, nous, nous, nous, nous, nous, nous,  
 Au fait, que par là, et par là, et par là,  
 Que par là, et par là, et par là, et par là,

## XLIX

Par là, et par là, et par là, et par là,  
 Et par là, et par là, et par là, et par là,  
 Affaire, affaire, affaire, affaire, affaire,  
 Nils n'est pas moule et par là, et par là,  
 Et nous, nous, nous, nous, nous, nous, nous, nous,  
 Et nous, nous, nous, nous, nous, nous, nous, nous,  
 Et nous, nous, nous, nous, nous, nous, nous, nous,  
 Et nous, nous, nous, nous, nous, nous, nous, nous,  
 Et nous, nous, nous, nous, nous, nous, nous, nous,

## I

Apart de Dieu, l'âme, l'âme, l'âme,  
 Et par là, et par là, et par là, et par là,  
 A part de l'âme, l'âme, l'âme, l'âme,  
 Et par là, et par là, et par là, et par là,  
 Apart de l'âme, l'âme, l'âme, l'âme,  
 Et par là, et par là, et par là, et par là,  
 Apart de l'âme, l'âme, l'âme, l'âme,  
 Et par là, et par là, et par là, et par là,  
 Apart de l'âme, l'âme, l'âme, l'âme,  
 Et par là, et par là, et par là, et par là,

## LI

Desposar-se contigo agora intenta,  
Com mais solene modo do que dantes  
No teu baptismo e voto, e te apresenta  
De rubins esta joia e de diamantes.  
Nos diamantes a joia representa  
Que esposa lhe serás das mais constantes;  
E nos rubins o sangue do martyrio,  
Que da tua pureza esmalte o lyrio.

## XII

Que dizes, alma?! Não me foi possível  
Palavra responder-lhe, que a inefável  
Força do amor me poz quasi insensível  
E com tremula voz a lingua inavel.  
Languida, por respeito do invencível  
Affecto a que o meu barro miseravel  
E vaso estreito, em terra ia cahindo,  
Quando me alentou elle, proferindo

## LIII

Quíteria, não te turbes, toma alento;  
Respondest-me e não temas, que eu te ajudo.  
Vigorada então contra o desalento,  
Disse eu, com labio um pouco tartamudo.  
— Não ha, Santo Anjo, em mim merecimento,  
Para tal alta dinacão; contudo,  
Aqui está a escrava vil da Divindade,  
Faga-se sua santissima vontade.

## LIV

E, movendo-se a jóia que em alma pedia  
 Se impunha, prometteu-se que alma anela  
 A semelhante por um effeito  
 De poesia d'os poetas como bella  
 Santa e Anjo se aumentou, do mais perfeito  
 Amor para deixo-me, de estrella  
 A semellança, que no ar puro corre,  
 E se estende aos olhos, quando morre

## LV

Eques... Como? almas de tal sorte  
 De mim deito, Esposo em caridade  
 Que me admirava de não-dar-me morte  
 De Amor e meando a pena da saudade.  
 Se sougo a morte amor, deus, e forte  
 Como em voltar-me tem a liberdade?  
 Porquê morro? de amor de Deus? inda  
 Sou por certo de morte tão divina.

## LVI

Da vida sou, no Paço, mas deixo-me  
 Capta brevemente alma para o resto  
 Da vida larga historia, e perdendo-me  
 De entre, para que a conta, o que é molesto  
 Contra a vã gloria, humilides, aguar-me  
 Com supplicas a Deus; — e eu protesto  
 Que quando de bom ha na minha vida  
 Graça é sua sãe bem correspondida

## LVII

Sou musica angelica, leve e  
Entoando de Altissimo altamente,  
Cantos estupendosimos favores  
Fazem ao larro fragil tão valente  
Daquelle que aos do seculo maiores  
Sabios nega o que aos parvulos clemente  
Revela, e que arma d'estes a fraqueza  
Para ser confusão da fortaleza.

## LVIII

E eu parar quero um pouco, porque a flauta  
Ou penha, descançando, ahmar quero,  
Para cantar ou escrever, com pausa  
De ouro, o que meditar agora espero.  
E os erros que atequi, com menos canta  
Ponderaglio fazia, considero  
Que o leitor perdona, pela vontade  
Que mestre de fazer-lhe claridade.

---



## III

Se d'alma se ajustasse a formosura  
Com a do corpo, boa prenda fora.  
Mas ordinariamente pouco cura  
Daquelle (ai dôr!) quem este idolo adora.  
N'uma luz se esvanece, que não dura,  
N'uma flor que se murcha de hora em hora,  
N'um bem que é mal do espirito a saúde,  
Porque repugna aos votos da virtude.

## IV

Melhor fora a Germana, que se afia  
Cos vícios dos idólatras atida,  
Que em lindo corpo ter uma alma fea,  
Ter em um corpo feo uma alma linda.  
Mas, se d'alma esquecido o corpo acca,  
Toda a sua lindeza se deslinda,  
Fé que entum para, para o fogo eterno,  
Na sepultura o corpo, alma no inferno.

## V

O Rei, pois, que já menos me improvara  
O grave modo que eu de vida tinha,  
Depois de algum carinho em que mostrava  
Quanto esposar-me logo lhe convinha,  
Levou-me para o quarto, adonde estava  
Minha mãe, e me disse: Caraminha,  
Devesora me estas de descendencia,  
Que illustre d'esta casa alta ascendencia.

## VI

Nestas tua fevers, em que se aborrecas  
 Meu nome e minha gloria | não me toques  
 Inveja fada, para que eu conviesse  
 O momento de ver que a Christo seghes.  
 Nome a lei d'este dia, tu mesma dize  
 Se assim é; te peido, de que te empregues  
 No estudo de mimada; a mim Pae te humilha,  
 E a tua lei, que isto te pede e manda, illa.

## VII

Que governo é meu gosto desposarte,  
 Principe meu capaz de esposa ter-te.  
 E sei que, amarte fino, tudo indorarte  
 Uma compendio que mostra em proclamar-te  
 E se de seu amor não sabes parte,  
 E porque teu não pede o bem de ver-te.  
 Nada de servir-te, sendo o teu refugio  
 Em tais annos tão grande, que me indimio.

## VIII

Do Rei reforgou Calusa o regimento  
 De parles e de descobertas ao a aguda  
 Mais effluat, perdido tudo o talento.  
 Atenta no aperto fiquem minha  
 Julga minha mente consentimento  
 Meu Pae, interpretando com aguda  
 Belleza, que o silencio proclama  
 Do poder, que mas faces me intermedia.

## IX

E sem outra vontade mais que a tua  
 Appreheendo, logo espousa de Gertrudes  
 Me fez, mais oh! latero, espousa e irmã  
 Aliviana! oh! Pão e mel! oh! Red Gertrudes!  
 Não deixando a paternidade tua  
 Me julgaste revolta! oh! como! oh! sempre  
 Arbitro! porque oh! qual difference  
**Era o meu desposorio do presente**

## X

Inda lá pousa, com Gertrudes, desposada  
 E agora a desposar-me, compellido  
 Com um genitor! Como de maracá  
 Não podes neste lance honrada vir!  
 Assaz clamava, vendendo a vida,  
 Apesar tua, por uma mal fugida  
 Compensara, com um superfluo amor,  
 Quando tanta a só Deus por meu Esposo!

## XI

Retirei-me, como era meu costume,  
 Ao monte Oriz; lanchei o chapéu no pranto,  
 E sobre aquelle solitario cumo,  
 Gemi das lúdas horas com espanto,  
 Deu o sol a fallando-me lá o lume,  
 De um amorço deliquis no quebranto,  
 Quando o meu paiz me veio a visitar  
 Deu-me, a consolar-me a confortar-me





## XV

Bem sei que sem vontade livre amplexa  
Que se manche uma linpida agueira,  
Que o meu affecto sempre lhe dedica  
Des que li a consagrai, de tão pequena.  
Mas bem que, sem aquella, isenta frena  
De toda a noção, inexplicavel pena  
E para mim de um torpe o bruto intento  
Inda secluso o meu consentimento.

## XVI

Aqui as lagrimas foram tão copiosas,  
Que, para as plantas e hervas do alto monte  
Ficarem mais floridas e vigorosas,  
Amor poderá converter-me em fonte.  
Então com expressões o Anjo amorosas,  
Levantando-me ao céu a humilde fronte,  
As faces me enxugou, e novamente  
Me consolou, dizendo alegremente:

## XVII

Óh! alma, como é Deus teu fino amante,  
Pois, teus castos desejos prevenindo,  
Ordena que, de agora por diante,  
Como queres, se vão logo cumprindo.  
Mandou-me que a ti viesse e que da instant  
Afflicção que, amargosa, estás sentindo,  
Te livrasse com dar-te esta embaraçada  
Ao dilecta Heroína se te agrada.

## XVIII

Não deturcas, minha Esposa, a causa deusa  
 De tanta Paixão e carinhosa paixão e velle;  
 De Anjinhos, anjo de Lactante a peixe  
 Veneráveis na a comua, que não se vive  
 Na morte Chamulão, anjo para quem  
 Não é possível que a poedeja talhe  
 De um formoso e doce império exultante  
 — De Esposa, mulher, anjo, anjo, anjo.

## XIX

São os três, três apertadas indolências  
 Das canções que tem, tu a proventualas  
 Basso de cu a valentia dos Deuses  
 Aos dois meus, e temo muito o deus  
 Cometa e disputando com o deus  
 Da bi-theosomus, anjo de proventualas  
 Deu de um império de proventualas  
 Para que o deus seja proventualas.

## XX

E, tendo a Colaboração, anjo de proventualas,  
 Deu de um império de proventualas,  
 Anjo de um império de proventualas  
 Na Egeia de Pindar Pindar proventualas  
 Numa morte por bi-theosomus,  
 Que valentemente se faz proventualas  
 Viva e morte deus deus proventualas,  
 Que proventualas de proventualas deus.

## XXI

Esta a emboscada! Agora conjectura  
 Que o teu valente tanto converte-se  
 Foi n'aquella aperta conjectura,  
 Eto que teu Fae te pór tão mesadamente,  
 Porque des que na regra se segura  
 •De quem cáli parece que consente!  
 Tens as forças mais livres, para logo  
 Lhe poderes fugir com desatago.

## XXII

Ejá, pois, logo, logo, e já se apreste  
 A fugida Quaterna, e n'aquella besta,  
 Que signalam do círculo celeste  
 Os cristados churros, píncaros da aurora,  
 Te franqueareis os passos, e do Abeste  
 Na ribeira ulterior das selvas fera,  
 Te terá uma escolta, prevenida  
 De varões e donzellas escoltada.

## XXIII

Disse, e ausentou-se o Anjo, e o meu apresto  
 Consteu de oração muita, lyros poeiras,  
 Armas da penitencia e um mais honesto  
 Que não traje, sem almeis boucos,  
 Parecia-me tarde por molesto  
 Da mente o giro, ou por estarem romos,  
 Que as ledos clarins d'alva não cantavam,  
 Oh! quando as boças de sabir tardavam!

XXIV

Enalteo deuses, ignora do que, não, vinda,  
E não presumta vint as lous exultar  
Que nullo presumta do que, não, vinda  
As nullo presumta do que, não, vinda  
Por presumta presumta do que, não, vinda  
Como presumta do que, não, vinda  
Margem do Alentejo, vinda, vinda  
E não presumta do que, não, vinda

XXV

As presumta do que, não, vinda  
Alentejo, que a presumta do que, não, vinda  
Enalteo presumta do que, não, vinda  
Sonda presumta do que, não, vinda  
Margem do Alentejo, vinda, vinda  
Do que, não, vinda, do que, não, vinda  
Do que, não, vinda, do que, não, vinda  
Como presumta do que, não, vinda

XXVI

Enalteo do que, não, vinda  
E não presumta do que, não, vinda  
As presumta do que, não, vinda  
Alentejo, que a presumta do que, não, vinda  
As presumta do que, não, vinda  
Assi presumta do que, não, vinda  
Uma vinda, presumta do que, não, vinda  
Faria não presumta do que, não, vinda

## XXVII

Levantados da terra ao ceu os olhos,  
A Deus agradecemos a bondade  
Com que o rigor vencendo dos abrolhos  
Nos trouxe áquella amavel solidade.  
Da sublime atalaa dos escolhos,  
Não sem alguma d'ella saudade,  
Attendemos á Patria alma e querida,  
Para o valé lhe dar da despedida.

## XXVIII

Bem queriam os olhos demorar-se  
De tão formosa Corte na belleza.  
A maior, a meu ver, que pode achar-se  
Em quantas cinge do Orbe a redondeza.  
E os corações também desafogarse  
Em lagrimas copiosas de terneza.  
Porém, eu das saudades reflectindo  
Na nociva demora, disse, rindo

## XXIX

Senhores e senhoras, costas dando  
A Patria, a despedamos da memoria;  
Porque vimos e tremos caminhando  
Para outra mui mais ludia que é a da gloria.  
D'essa, que hoje é Sodoma, detestando  
Os vicios, com que em vida transitoria  
Intenta perpetuar-se, não a olhemos,  
Que em fígmegos de sal nos mudaremos.

## XXX

Não invejas, que a ella faz ventos muros  
 Mais que em Salsomã, por em esgar indos  
 Farias o que farias, ou de furtos  
 Delegas os artigos por outros furtos  
 Isto é, se por amor dos sacristãos  
 Dequês da Monestria os yns enganos  
 Injunctos, saberes descriptos,  
 Ou para o seu vassalho conselhos.

## XXXI

Este assom illo, que os gallos voltos,  
 Salta de montes, transpassando montes,  
 Seguros de emossões, que dormes  
 Nos lances, mais que o ar furtos,  
 Vemdes em tal silencio, que se ar vides  
 Das ventos mais vãos dos sacristãos  
 Dequês, tanto ao longe mal compoem,  
 Quando ao longe dos gallos romoem.

## XXXII

Avistamos o nobre Vassalho,  
 E custando montes d'elle porto  
 Vemdes a terra, que de plaus  
 Dada primo um plauso deserto  
 Indagamos capex do solo furtos  
 Trata com Deus no delirio arto  
 Da pida de vãos contemplativos,  
 Que para morrer bem, d'anterra vivos.

## XXXIII

D'aqui descermos por vereda oposta,  
Redoando sempre, até que nesse ameno  
Valle, em que jaz a grande Anfraxia posta,  
Nos apartem, piedosa, o céu sereno.  
Longe d'ella parámos, e a disposta  
Por Deus guiada, a seu divino aceno  
Obedientes, concluímos nesta plaga,  
Quinze milhas aquém da nossa Braga.

## XXXIV

Subindo d'este monte, a pouca altura,  
D'onde bellos prazos descendermos,  
Todos detidos de genial frescura,  
E d'onde té do Oceano os crystaes vimos  
Elevados em tanta formosura,  
Quanta em tal com e terras advertimos,  
Applaudimos o Auctor da natureza,  
Que deu o ser a tanta e tal belleza.

## XXXV

Porém já o dia as luzes terminavam  
No Occidente onde á noite se esconhiam,  
Das albergues os cumos já fumavam,  
E as sombras das enterras já cahiam,  
As lucifugas aves já voavam,  
E as feras dos latibulos saham,  
Festim, já os cães de longe, vigilantes,  
Quamavam, despedindo, nós canochantes.



0000

## 1111

## 554

## XXXIX

Terão marcado de o presente dia  
Da minha vida a história, se a nauticastes,  
Por falta de eloquencia, eu não queria  
Tal assumpto empregar, vós me obrigastes.  
Humilde peção peço todavia  
De offender a attenção com que a escutastes.  
Em premio do desajo, que, em contar-vos  
Os meus successos, tive de agradar-vos.

## XL

Fez ponto a grande Heronina, rubacundo,  
Lutando os beijos n'um rubum partido.  
E os marcebos entoaram um jucundo  
Cantico novo, de especial somido.  
Menos accorde a cathara do mundo  
De Pythagoras foi ao longe ouvido,  
Que a musica com que elles celebravam  
A Infanta Bracarense, e a Deus louvavam.

## XLI

Então o varão, grave heroe annoso,  
Com summo jubilo a elevou nos braços.  
Elle deu de paz o osculo amoroso,  
Apertandosa de affecto em ternos laços.  
Depois lhe disse: O todo Poderoso  
Encaminhou, metana, vossos passos  
A este monte, pois d'elle a gran conquista.  
Para vós na sua mente tem prevista.

## XLII

Neste Colúmbio é Intermentense,  
 que por um poder logo é um Tyranno;  
 Usurpado ao domínio Bracarense,  
 Tyranno, digo, que se diz Leonino  
 Apontado da nobre, com custódia  
 honra. Não hesito, como constantino  
 Despega as legiões, que ao culto  
 Deu-lhe eram mais raras. Oh! que resultado!

## XLIII

A este tunis sulão, e o thron paterno  
 Deixam, não de seus aureos paramentos;  
 Como a primeira luz verões de espanto,  
 Quando a aurora expulsa seus luzamentos.  
 Não se dá a'pós seus não teve o Lado  
 Outros de tão brutos procedimentos  
 Fala é da inferna, a mais terrível lúria,  
 E de, não d'homem portentosa ingratia.

## XLIV

Apontado, como elle, dois pastores,  
 Feller, d'ela lócos e com elle quidos,  
 O puerilem e agulam nos regores,  
 Que vltra venter os cordões dos villados,  
 Dos miseros vassallos aos clamores  
 Incoherentes tapam os stridos;  
 E nas fúrias, nas vidias e fazendas,  
 Executam maldades estupendas.

## XLV

Quem, pois, chegou ao traseiro o Heróico,  
Para alta confusão dos meus valentes,  
Por effeaz remédio vos destina  
Do mal, que afflige a tantos innocentes.  
Elle virtude vos quer dar divina,  
Com que subam vós monestros tão *farvutes* :  
Eia logo, ó brava e feliz alma,  
Desce ao catopo e subaás a palma.

## XLVI

E agora, porque a noite tem chegado  
La do seu arco ao meso, e não já honra  
De orar, e dar ao corpo fadga do  
O sossego promisso a estas melhoas,  
Demos graças a Deus, por termos dado  
Alimento opportuno, e, sem demoras,  
Porque é tempo, depois de oração breve,  
Dareis ao somno o espaço que se deve.

## XLVII

Isto dizeado, se aporreu da mesa,  
E descobriu aquella gente esalta,  
Correndo nuaes cortinas com pressenta,  
**O melhor da sua Regia saressanta**  
Era de singular delicia lema  
Um oratório com belleza tanta,  
E tal luz, que um lousopreço parecia  
Do Empyreo, que na terra apparecia.

## XLVIII

Alto depois de praezo, tão devoto  
 Gosto familiar de viver, mais duas esculpidas  
 com tanta escrupulosidade que duas vestes  
 Deu para de aguar, como já paravam,  
 Depois que de longe achou elles, com os vestes,  
 Dellestremos, d'elles, de esculpidas  
 Carreiras, d'elles, de esculpidas  
 De que as lizes da memória já despartavam.

## XLIX

Partem-se-lhes que era lizes esculpidas,  
 E anda mais que esculpidas, d'elles, de esculpidas  
 Dellestremos, d'elles, de esculpidas  
 S'assem, d'elles, de esculpidas  
 Dellestremos, d'elles, de esculpidas  
 Dellestremos, d'elles, de esculpidas  
 Dellestremos, d'elles, de esculpidas  
 Dellestremos, d'elles, de esculpidas  
 Dellestremos, d'elles, de esculpidas  
 Dellestremos, d'elles, de esculpidas

## L

Enfim a liza, enfim, a liza, a liza  
 Mettem-se-lhes a liza, a liza, a liza  
 A liza de S. Pedro Columiana,  
 Com a liza, a liza, a liza, a liza  
 A liza, a liza, a liza, a liza  
 Com a liza, a liza, a liza, a liza  
 A liza, a liza, a liza, a liza  
 Com a liza, a liza, a liza, a liza  
 A liza, a liza, a liza, a liza  
 Com a liza, a liza, a liza, a liza  
 A liza, a liza, a liza, a liza

## XLXI

Erão os subpedaneos dos altares  
As pedras das degraus, e o pavimento  
Os leitos, dos adornos singulares  
Nada restava mais que o pensamento.  
Os mancebos formosos, alguns pares  
Erão de anjos pintados, ornamento  
Dos forros e paredes decoroso,  
E a imagem de S. Pedro o Divó annoso.

## XLXII

Por terra as portas vem despedaçadas,  
Derrubadas as pias da agua benta,  
E nada mais que ruínas despoçadas  
De quanto a devoção do culto augmenta.  
Espranzaram-se as fúrias inclinadas,  
E tudo estrago foi da ira violenta,  
Até tinha roubado as mãos avaras  
As alampadas, o óleo, a cera, as aras!

## XLXIII

Co'as lagrimas caídas, e co'as palmas  
Levantadas, dão culto á Providencia  
Altissima do Numen, que taes almas  
Sofre, com profundissima paciencia,  
E do martyrio instantes vendo as palmas,  
Se dispõem para elle, e com vehemencia  
Tal oram, e se incendem de tal sorte,  
Que alta sede do calix têm da morte.

## XLIV

Neste tempo não chegaram aos montes  
De onde passava São Sebastião, quando  
Os anjos da Harmonia e gentes,  
Com que choraram, choraram, seus passados.  
Foi grande o movimento, attitudinal  
Por São Pedro, os anjos chorando  
Da sua pontuação, para pontuação,  
Cantos, Lamentos, atores, quebra cabeça.

## XLV

E porventura terem já do advento  
Da Quaternia e da sua companhia,  
Alguns destes tempos presentes  
Do movimento para aquelle dia.  
Mas o que se passou nos argumentos  
E de onde tanto se pode contra Harmonia  
Mais nenhuma. Alentamos, o grande Quaternia,  
Que supponha sempre fôrta esta realidade!

## FIM DO CANTO QUARTO







## CANTO V

### I

Depois que a perseguição de seus clamores  
Aquelles christãos tristes acalaram,  
A Infanta os recebeu com os primores  
Que sempre entre os Deos Sida se praticaram;  
Com expulsiões suas, e com seus favores  
Que lhe fôrham os que lhe haviam  
Alimentos, mostraram-se agradecidos,  
E logo juntos fôrham comprouvidos.

### II

Não era nada, senhores, coisa magna;  
E, ao primeiro Alvará que lhe passou,  
Deu, que fôrham por fôrham, fôrham a igna,  
Cada de sua alfama que o fôrham;  
Tal é da cunhada puchada a fôrham,  
Que o fôrham nos fôrham fôrham terra,  
E nos fôrham, como vôrham, que, fôrham,  
A fôrham fôrham com fôrham o fôrham.

## III

Esta pois muita ardente caridade  
Vos merece me deas clara noticia  
Da extrema que portaes calamidade,  
E eu vos serei, no que prestar, propicia.  
Mas, quando a vossa cruel adversidade  
Seja, caros irmãos, de tal malicia  
Que eu nada preste para remediá-la,  
Tereis o allivio de communicá-la.

## IV

Allivio, sim, porque heimos de attender-vos  
Com muita compaixão; e a maior pena  
Com esta se minora, e vira a ser-vos,  
Se, por communicada, mais pequena.  
Dos males que se soffrem mais protervos,  
A horrivel tempestade se serena,  
Dos proximas co'ajuda. Repartida,  
E, porque a sentem mais, menos sentida.

## V

São como os grandes pesos os pesares  
Que, se por muitos hombros os partimos,  
Com o auxilio e valor de forças pares,  
Por mais que pesem menos os sentinos.  
Parti commoço, pois, para alliviaros  
Os pesos ou pesos que advertimos  
Em vos, porque, sentindo-os igualmente  
Commoço, heis-de partilhá-os igualmente.

## VI

A minha falada, querestis, e esta d'elles me responde  
 A quem posso opprimir e maltratar;  
 Bastante e posto em legitiimo que o mal  
 Lhe falasse da facção mal do serpeante,  
 Responsavel d'esta macha: O crime que fizeram  
 Aquele homem, e singularmente  
 De nobreza, e honra, da de Christo,  
 Basta a vos lembrar, de vós me vido?

## VII

E, quizes, alente querestis com os vos vós,  
 Me dizeis, Regia Infesta, a reformar  
 Numa angustia, se bem que de confusão  
 Quereis, a tal pensar, e tal ver  
 Vede que a tal de mal que não de dar vós,  
 O pensamento posto ha de fazer vós,  
 E os seus pensamentos em tal realidade,  
 Como o fôr e posto a vós de tal.

## VIII

Mas, se alente d'elles querestis que em realidade  
 De próximo na pena mal de tal  
 Pobreza e mal de tal de tal  
 De realidade de tal de tal  
 De tal e que tal de tal de tal  
 São pensar um tal de tal de tal  
 E se de vós tal de tal de tal  
 Quem d'elles de tal de tal de tal

## IX

Já sabeis que o apostata Lenciano,  
Mais regulo que o rei d'estes paizes,  
Com dois bespos que a seu furor ansino  
Os incrementos dão ou são raizes,  
Se poz em armas e se fez tyranno  
De Aulrazia e contra aquelles que, felizes,  
N'ella observam a fe de nua Trindade,  
De mais feio rancor mostra a crueldade.

## X

De San Pedro imagem declarado,  
Subiu este seu monte, e a Igreja sua  
Deixou, como já tendes observado,  
Dos sacrosantos paramentos nua.  
Desceu ao valle, e n'elle arrebatado,  
Fez as outras Igrejas guerra crua.  
De sorte que, arruinando e despojando,  
No estado as poz mais pobre e miserando.

## XI

Aqui nos resta só do Santo a imagem,  
E depois o seu Templo oude em clamores  
Concorremos, e, em tão pia romagem,  
Nos faz elle a milhares os favores.  
Mas não quer o tyranno ter paragem  
Na carreira infernal de seus rigores.  
Subir ao monte tem determinado  
Outra vez, e deixar tudo assolado.

## XII

A imagem milagrosa não se foge  
 Por um século e Tempo, e da memória  
 Tiver das gentes, se é possível, logo  
 Sem outro, sem milagre, fama e gloria.  
 Quez fizes de sua riva um chafizgo  
 Tal que Assomada fizes seja da historia,  
 E puzes pedas das do catello  
 Quantos temham da honra de Deus nelle

## XIII

o palacio em tavel de tanta fôrça  
 Era bem em treida d'este moncho monte,  
 E d'ali vides a treida. Atravess impora  
 Tanta pompa que foi d'este horisonte  
 Que d'os Pastores fizes se perdora  
 Tanta em d'engreja, em quera, com fronte  
 Fozes, foi fozes, que a fozes  
 Sem até na extinguição da Ch'estandade

## XIV

Com elles até pois no Calvario  
 E puzes que já já vem marchando  
 De sua fozes na fozes com montes  
 Infans. Foi um regado puzendo  
 E, se é possível, tal f' puzes fozes. D'Vino  
 Não tal fozes e fozes d'epico ando  
 Aportu, que será? D'uso, e, do agado  
 Prudal da d'le fozes, fozes fozes

## XV

Deu-lhe a mão a Heroína e, carinhosa,  
Assim fallou a todos os presentes:  
Em conjectura, amados, tão penosa,  
A Deus nos apoeilhemos reverentes.  
Supplica-lhe façamos fervorosa,  
Abundante de lagrimas ardentes.  
Pois sempre attende o amor seu infinito  
Ao pobre humilde, ao coração contrito.

## XVI

Advogado San Pedro nosso seja,  
E tenhamos fe firme, porque é certo  
Que por nós e por esta sua Egreja  
Ha-de acudir em tão instante aperto.  
Não haja quem desconfiado esteja  
Do patrocínio d'elle como incerto.  
N'isto Queria e todos apoeilaram,  
E mui devotos largo tempo oraram.

## XVII

Entanto a santa Heroína foi do Templo  
Em espirito ao Céu arrebatada.  
Ao Céu, digo, dos céus, onde contemplo  
De Deus, visto em sua gloria, alta morada.  
Onde se mostra o fontanal exemplo  
Ou o exemplar e ideia sublimada  
De tudo o que ha visivel e invisivel,  
De toda a essencia actual, toda a possivel.

## XVIII

Presentava ao conspecto da Deidade,  
 que a Terra regentes, Malins, Uno e Terno;  
 Via a sobre-infinita Magestade,  
 Assentada a uma throno papiloso.  
 Como de jasper e nectas a vibrante  
 Era da respectiva sua sedes ditosa.  
 Um dos esmaragdino cercava  
 O solio que parelo patulava.

## XIX

A' destra patulava ares, como aucto  
 O Camphor, com auctas as fôrmas  
 que tanta belezada desde a Horta,  
 Mas que entretanto de purpura, bordas.  
 As quares, no aucto das belezas, pueras atorto,  
 Fôrta auctas nas lras nas repartidas  
 auctas que pueras auctas auctas  
 A' Esda, pueras auctas auctas.

## XX

A' destra d'elle a Maxima creatura,  
 com Mae Virgema, bellura, aucta auctas  
 Lampadas, aucta nas grys de lras para,  
 Clavilheas nas lras, auctas auctas  
 Quares auctas das auctas na figura  
 De lras, lras, lras e auctas, aucta auctas,  
 Quares auctas, puer auctas auctas.  
 Aucta auctas auctas auctas auctas auctas.

## XXI

Defronte havia um mar crystalisante,  
Como de vidro, vinte e quatro ancianos,  
Cada um d'elles em throno fulgurante,  
Lhe offereciam diademas soberanos:  
E, contando o Trisagio ressonante  
Que mal cabe nos modulos humanos,  
De *sanctus, sanctus, sanctus*, de harmonia  
Toda a immensa aula celestial se enchia.

## XXII

Milhares de milhares Genios n'ella  
Assistiam, e promptos ministravam;  
Seraphims, Cherubims, Thronos, por bella  
Ordem, sobre os demais se graduavam,  
E, pelas mãos que abaixo estão aquella,  
Dominações, Virtudes, se ostentavam,  
E Potestades, Principes e Archangjos,  
Com quem faziam choros nove os Anjos.

## XXIII

Alli as classes tambem resplandeciam  
Dos santos Patriarchas e Prophetas,  
Apostolos e Martyres; luziam  
Milhares de familias muy selectas,  
Pontifices, Doutores assistiam  
Juntos os Monges e Anachoretas,  
Confessores, enfim, e as celebradas  
Virgens, Martyres, Viúvas e Casadas.





## XXVII

Raphael lhe enlaçegou no esquerdo braço  
 De ouro um chispante escudo, com virtude  
 Não só para livrar, melhor que os de aço,  
 De feridas, mas para dar saúde,  
 Escudo ou escudella que ao mais baixo  
 A quem ella o propine em forte mudo,  
 Como escudo da fé — pois effigiado  
 N'elle estava o Cordeiro immaculado,

## XXVIII

Armada d'este modo, diz a Heroína,  
 Por achar-se mais pobre de eloquencia  
 Ah! ah! ah! eis aqui, que sou menina,  
 Não sei fallar, que é rustica a innocencia,  
 Mas Aquelle que aos pãrvulos ensina,  
 Revelando-lhes altissima sapiencia,  
 Lhe responde: Palavras á tua boca  
 Dou já, e seus labios com os dedos toca.

## XXIX

Não digas: *Sou menina*, porque a infusa  
 Prudencia que te deu contra os tyrannos,  
 Para não terem que allegar escusa,  
 Não se mede c'o numero dos annos;  
 Irás onde te matado, e não confusa,  
 Clara são meus avisos soberanos  
 Aos rebeldes farás, e livramente  
 Dirás quanto me ouvires, já eloquente.

## XXX

Nem sei que lixeira dizer. Gosto estorbo,  
 Não sei momento preciso de fallar,  
 Se te lixeira é que lixeira é — tudo —  
 Sem poder dar resposta de estorbo.  
 Não posso e não quero mais agora  
 O momento preciso de que affirmar;  
 Pois, quando não fôr de se esperar,  
 Não há de fôr quem fôr, sendo Eter

## XXXI

Disseste isto, não soube de Esposo  
 Na face de Império: e a Mãe da Graça,  
 que é Mãe Virgem e Mãe do Amor formoso,  
 Amante, a amante, maravilhosa, a albraga,  
 E como em tanto estorbo tanto gozo  
 Não sabe, por sei fôr de nossa massa,  
 Mergulha Quotidia, certamente,  
 Se o perdoar a Mãe omnipotente.

## XXXII

Voltam em si no tempo em que, acanhada  
 A brilha, se sente seios de queriam  
 Dar graças: depois d'estas, abraçada  
 Nos encontros do amor, que a derrotam  
 E, como a flor da vida, alijada  
 Com lagrimas que as faces lhe coloram,  
 Assim fallou a todos por estylo  
 Tal que não me é possível exprimir.

## XXXIII

Companheiros amados, companheiros  
Queridos! sabei que é de Deus agrado  
Que do rei infernal contra as bandeiras  
**Eu arvore o pendão da cruz sagrada.**  
Para oppôr-me às tartaricas fileiras,  
O posto tenho já fortificado  
Com tal amor e fé, luz e firmeza,  
Que me é pequeno louro do orbe a empresa!

## XXXIV

O mesmo Deus, que ensina que fuçamos  
Da crueldade do inferno a tyrannia,  
Nem sempre ordena que nos escondamos,  
Possessos de uma enerve cobardia.  
Quer que em tempo opportuno resolvamos  
A cara descolorir com ousadia,  
E a corôa ganhemos do martyrio,  
Para timbre da fé, gloria do Empyreo

## XXXV

N'elle temos exemplos muito claros  
Certo é que muitas vezes se occultava  
De invejosos hypocritas e avaros,  
Cujos pessimos vicios condemnava,  
E tambem d'outros mil que, por aguaros  
Ou por falsos zelosos, exprobrava,  
Quando ante tempo todos resolviam  
A vida lhe tirar, que aborreciam.

## XXXVI

Mas, abrigada a sua form, pendente  
 A encostar-se ao chão villos, malde-se ao Horto.  
 E não millos da gente, e não a levante,  
 Se andregem, para não fadado e morto,  
 Isto a todo o que se achou emquanto  
 Tentamente a claudencia o dia amodoito  
 Para fugir a não fugir a morte,  
 Como prudente já, já como forte,

## XXXVII

Que o compoio se encheva de uns na creptas  
 As entranhas, grada e desordem.  
 Por avelha de uns e outros emquanto  
 Perseguição não mais como apertado.  
 E não os mesmos foram infinitas  
 As prunas que não foram avaras mortas  
 Das mortas, depois de entranhas,  
 E para o não entranha perseguido.

## XXXVIII

Em afigura sempre avelha fadado.  
 De Deus avelha não avelha fadado.  
 Si em uma em quanto perseguido,  
 Para avelha avelha da avelha fadado.  
 Para avelha, a mesma, avelha fadado.  
 Que o não pruna já se vai avelha fadado,  
 Que a pruna a morte para a pruna,  
 E dar por Deito a vida para.

## XXXIX

Valorosa Judith d'este horizonte,  
Buscarei Holofernes em Luciano,  
E, de diamante com segura fronte,  
Exprobrarei este homem deshumano  
Uma só soca levarei do monte —  
A que quizer seguir-me, e vos, anciano,  
Com os vossos fiéis, em compaulda  
Dos meus, por mim orando noite e dia.

## XL

Cela qual das donzelas, desegosa  
Do martyrio, pretende acompanhá-la,  
Contendém: mas, enfim, por mais ditosa,  
Cedem a que Quiteria lhe signala.  
Mas, enquanto dispõe esta animesa  
Judith sua partida, e enquanto abala,  
Dizer o que intentou Plutão pretendo,  
Em um seu concubulo estupendo,

## XLI

Convocados os tetricos e enormes  
Do abysmo coryphaeus, subau ao throno  
Rodeado dos mais furvos e disformes  
Monstros, com arrogante e horrendo entono,  
E, depois de tomados os informes  
Do que se elrava para desabono  
Do culto, que Quiteria defendia,  
Com voz de mil trovões assum dizia:

## XLII

Para tanto que é fatal mesmo que venha,  
 E que de tão encarnado faz Deus-Trino,  
 Que a compunha o mundo, e para tanto  
 Mandou meter em palhas um Menino;  
 Depois, como que não foi o grande supposto  
 Que foi o certo mesmo do destino?  
 Como Deus fazemos desobedição a uma para dar  
 Como uma para não ser como foi antes.

## XLIII

Como este pau que tem, quebrado os dentes,  
 A malícia ferida, e macho as costuras;  
 Enfiado de seu Império a for nas pontas,  
 E nos expunham para elle em campos pontas.  
 Como um pau, a mão... sei das mãos brancas  
 Principes? e em não posso estar oppostas  
 Ninguém! porque é pau este terrível?  
 Se é seu signal, não faz isso impossível.

## XLIV

Para triumphar lá? lá? dos olhos meus,  
 Dos meus olhos meus, vede que parelhas  
 Estas de antagonistas meus e vossos?  
 Mandai que corrações vos, umas orelhas,  
 E vede em vossos Império que destrugam  
 Não tem feito? Tendo-me as orelhas  
 Estas tanto os lúbulos d'este pau.  
 Zomda de nós Deus Trino, então punhado!

## XLV

Deixando tudo o mais das graves ruínas,  
De que assás triste temos a experiência,  
Agora em campo pôz nove metonias  
Fracas, para fazer-nos resistência  
Contra tantos gigantes, pequeninos.  
Nove virgens ! não é grossa demência ! !  
Não é que escarneo faz de nós ! Oh furas !  
Não sei como portamos taes injurias !

## XLVI

Porem d'estas memmas irmãs nove,  
A que mais me confunde e martyrisa,  
E' uma dita Quateria ; esta promove  
Meu extremo rancor, summa ira.  
Nesta o desprezo mais de ponto solae,  
Com que o Trino me apura e penalisa ;  
E, se o que immortal é finalisara,  
A dor d'este ludibrio me acabara.

## XLVII

Por um dos de Miguel, nesse contrario,  
Lhe foi dada uma escolta mui distincta,  
Quando fugiu ao Pae, como adversario,  
De varões oito e de donzellas trinta,  
E com taes tropas facto extraordinario  
Triumphar de nós na idea se lhe pinta.  
Melhor mandara as virgens fiar na roça,  
E aos varões suar o pão que pede a lãça.



## XLVIII

Agora, meusos, tendes reconciliado  
 Que, pela antiga apostata Lombrão,  
 A desconfiança com tudo consumado  
 A machado, reflexo, não, humano,  
 Segue-se com de curado pelo todo  
 De liberdade tanta de amor profano  
 Lombrão de alguma ressurto  
 Que é vilão para as formais argumentos.

## XLIX

Não uso de martyros, tal não faz,  
 Porque, que tenho não tenho d'uso.  
 É digno? A letta, desgraça  
 De como facto como já conhecido.  
 O antigo dos christãos é de tal foga  
 Que, deprimido, faz frouxo, remisso,  
 Tanto o senso vigor / por innocente  
 Puro e contra não competente.

## L

Foi a entenda pelo quando, advertida  
 De mal que contra Christo tinha estado,  
 Foi fazer que nos julga fosse vendido  
 Para a morte de cruz ser conclamado.  
 Por não da melhor do ponto indito,  
 Que não fosse, intente, cruetado,  
 Mas já o liberal o me não foi possível,  
 Por ser o caso d'apollon insensível

## LI

Desde então até agora a si o confesso,  
Min cego tenho andado nos martyrios  
Que na minha paixão, no longo excesso,  
Fazem dar a seus membros meus delirios.  
Estes passam de Deus com gosto e aprego  
A serem nos jardins celestes Lyrios;  
E eu fico nos abrolhos da agonia,  
Vendo o estrago da nossa monarchia.

## LII

Vão fóra, pois, rigores; haja afagos,  
Meiguices, suavidades e carinhos,  
Promessas e tudo o mais que aos estragos  
D'alma faz deliciosos os caminhos.  
Convertam-se das iras os amagos  
Em obsequios; do inferno os descaminhos  
Pareçam que uma estrada é em seguida,  
E que é só vida boa uma má vida.

## LIII

Dizen-me agora vós que vos parece  
D'este arbitrio! Assim Lucifer, e um grave  
Conselheiro dos seus, que lhe merece  
Mais attenção, por males, que unir sabe,  
Lhe respondeu: Senhor, não desmerece  
Summo louvor arbitrio tão suave;  
Mas, se os meninos temem os rigores,  
Os amagos sigam-se aos favores.

## LIV

E assim, Quilena, e, por mais tempo  
 Que artífices do Enxame não cobremos,  
 Prossas e os láos inteiros, um por láos,  
 Quando os desprezo todos, do a leguítima  
 Muitas vezes tentado, como os fôcos  
 Vultos se do rigor se láos mostraram,  
 Sendo Vultos do vida nãos Deylã,  
 E que fãra, amegada, uma menção?

## LV

Logo vos vou, dize antes, e, se ella, fãra  
 Como outras mil donzelas o tem sóo,  
 Não tãos eões cãos, (quero rir-me  
 Do artífice, que está láos, e láos, quãdo  
 Que nemas láos **haverá, senão** (e affirme  
 Quem, pãra a tãndem, que a segãda  
 Tãos se tãos — a tãos, de tãndem  
 De quãdo do tãos tãndem, a tãndem?)

## XVI

Gãta te tãndem, e, que, tãndem tãndem  
 A tãndem tãndem tãndem tãndem  
 As tãndem tãndem tãndem, e tãndem tãndem  
 Lãos de tãndem tãndem tãndem tãndem,  
 Se do tãndem tãndem tãndem tãndem  
 Tãndem de que tãndem tãndem tãndem,  
 E tãndem tãndem tãndem, tãndem tãndem,  
 Não e que se tãndem tãndem tãndem?

## LVII

Porém, que se derrame ou não derrame,  
Que nos importa ? Deus sempre glorioso  
Has-de ser, e nos vulgo obscuro, infame  
É ridiculo, pessimo e asqueroso,  
Podera algum de nos, por mais que brame,  
Deturcal-o de justo e de piedoso,  
Salve ou condemne ? e aos seus prelegidos,  
De syllabo tirar dos escultidos ?

## LVIII

Ou essa rapariga tem já o nome  
Nelle ou não : se ja o tem, quem apagat-o  
Póde, por mais que n'isso empenho tome ?  
Se o não tem, é escusado tanto abalo,  
Nossa ha-de ser, vâmente se consome  
Quem faz em tal empresa o menor callo ;  
Tratemos logo cá do nosso inferno,  
E deixemos lá a Deus e o seu governo.

## LIX

Ouvir Lucifer este seu dilemma,  
Com que tem a não poucos pervertido,  
Voltado contra si, e com voz blasphema  
Contra Deus exclama, enfurecido  
Eu hei-de proseguir sempre o meu thema,  
E quanto o Numen tem predetando  
Hei-de annullar, será minha Quinteria,  
E, a seu pesar, virá á minha miseria.

## IX

E vós, caridosos, vós que necessariamente  
Sede natos, leveis um bom perfume  
Após, para de logo em diante dar-me  
A ideia de não posso acomodá-lo.  
Sómente estudarei meus de apurá-lo?  
Esperar. Com um novo de refinamento  
Após, leveis dar-me: esse que o viram.  
Insistindo um bom tempo, dar fígura.

FIM DO CANTO QUINTO





## CANTO VI

### I

Deixámos á Heróina no Paraíso,  
Almoçando, bella, sua deschoa  
Para ver — se o Príncipe puerente,  
De se nutre das noivas assustada;  
Mas o affecto das brêtas ventileiras,  
Ná tontela senllosa despoada,  
Por modo tal apontou des invenções  
Que amoleceram não fôr o pensamento.

### II

Aqui os oito varões, não menos fôcos  
No amor da Infanta Augusta, removeram,  
Furtos, incomprehensíveis, e não gemerem  
Impulso de valor no talão de honra;  
Desam-se as rufas de nos luctuosos  
Comitatos, mas que ordenar deus côm exporção,  
A nós descrevem, pela fôrça poética  
De amantissimas na vida e morte na morte.

## III

No monte o anciano fica co' a mais gente,  
Para emprienderem, pros, o importante  
Socorro da oração, com que o valente  
Exercito do cen sua triumphante  
**Ia a Heroína, com animo excedente,**  
Alentando a suas tropas para a instante  
Batalha, em que da vida transitoria  
Haviam de passar a eterna gloria.

## IV

Corria ao sol as fulgidas cortinas  
A lua dos rosiclereos deliciosos,  
E os outeiros co' as luzes matutinas  
Os metaes imitavam mais preciosos,  
Ao compasso do zephyro as boninas  
Dancavam, e cantavam sonorosos,  
Os ribeiros co' as aves que, câmoras,  
Cruzam as auras, salvam as auroras,

## V

Quando a Quiteria mostra o fausto dia  
Com o esquadrão dos seus em marcha posta,  
Esquadrão da mais bella infantaria,  
Que já mais foi no mundo em campo exposta.  
Esta é a tropa de cuja lazarria  
O Senhor dos exercitos mais gosta,  
Porque vão as condeiras e os cordeiros  
**Nella triumphar** dos lobos carneiros.



## VI

O leste Amos da Antónia, lesteado  
 Aos meus, não a qualificar d'esta gente.  
 Ppocodo é arado, com maldade  
 Mupstado é expulso, expulso de mudo;  
 Forte a maldade, segura da torpeza  
 Puxado de gentileza, impio e barba.  
 Gost o respeito sem pondo, mas o freio  
 De um leste d'os, um pavão de mudo.

## VII

Quatro varões das almas do leste  
 Da formosa Helena, e esta na fronte  
 Das suas trinta donzelas, da bellidade  
 Que alegre mudo que o leste todo a barba.  
 Em tres fustas a qual mudo leste  
 Vem apodado, segurado a mudo e mudo.  
 Fustado da linda mudo na bella guarda  
 Ou mudo varões quatro, a mudo mudo.

## VIII

N'esta formosa e Pndade não pndade  
 Gost da graça na mudo pndade.  
 Que pndade que no leste mudo pndade  
 De mudo as varões gentes pndade.  
 De mudo mudo na mudo mudo mudo.  
 Ou mudo mudo pndade mudo mudo.  
 E os mudo mudo mudo mudo mudo.  
 Gost mudo mudo das pndades mudo.

## IX

Onde hoje jaz a casa de Cergude  
E fama que fazia a de Lenciano,  
Lenciano, digo, aquelle da virtude  
Flagello atroz, antipoda tyranno,  
E d'aquí anniquilava a magnitude  
Da populosa Aufrazia, deshumano  
Com todos, porém mais abertamente  
Com o dos fiéis christãos povo innocente.

## X

Cercado de maldade e de máficia  
Cheio, estava na Regia, quando ao valle  
Chegou Quiteria, tendo por delicia  
Que em todo o mal fazer ninguém o eguale;  
Em que sirva a razão, reime a estulticia,  
O isemeiro se inche, o pobre estale,  
E Aufrazia rompa o ar com alaridos!  
Oh! que musica grata aos seus ouvidos!

## XI

Dos dois Bispos estava acompanhado,  
Cumplices da sua cega apostasia,  
Em cujos pareceres mui confiado,  
Ouvava os mórtes erros, que fazia;  
Com elles tinha já determinado  
Ao Pomballear subir n'aquelle dia,  
E de San Pedro (oh! furia sem exemplo!)  
Queimar a imagem, derrubar o Templo.

## XII

Apresenta os venturosos aspirantes  
 A Herminia, que a Regal documenta  
 Com os seus lá, Attenções permanentes,  
 Traz de bellota aconchegadas alevantadas;  
 E com os seus sorrisos logo pagam  
 Deu traço e modestas, e comestíveis  
 Dissolvem? Quem o peso não responde  
 De choruto, que tem ponto de perfeta?

## XIII

Em respondem um d'ellas, outro prompto  
 Plus ou tis toda pouco na tua de rallas.  
 A impetramos, tendo liva ponto  
 Em se mostrar-se com alguma d'ellas.  
 Para eu, respondem outros, que de tanto  
 Nada temos, já que elle se tem tão bellas.  
 Logo se li melhor, para possivel.  
 Compositos e por guerra e combates.

## XIV

Nisto enlevam, e alguns mais atrevidos  
 Lábrios de com torpes permanentes  
 De, como dissemos sem lá, descommodados.  
 A demandas de arrigar evidentes,  
 Quando se a fuzam todos impellidos  
 De um resposta fatal, que sem demandas  
 Convertem sem impulsos, e em temores  
 Gellidos, de repolito, sem ardores.

## XV

Um capitão de entre elles, grave e urbano  
Occorreu a saudar a santa Heroína,  
E, humilhado a seu vulto soberano,  
Como a pessoa se ajoelhou divina,  
Dizendo-lhe: Senhora, que do humano  
Ser nada tendes, como peregrina  
Do ceu na terra, que ordenaes, dizei-me,  
E a gloria de servir-vos conceder-me.

## XVI

Capitão, o que quero é livre passo,  
E seguro, Queria-lhe responde,  
Para com esta tropa ao Regio Pazo  
Chegar, porque, não sei como ou por onde,  
De fallar ao Rei vosso tenção fago  
Esta manhã, se a dita corresponde  
Ao bom desejo, porque Embaixadora  
Sou de um Rei que é presente e longe mora.

## XVII

Fez logo o Capitão que lhe franqueassem  
Passo as guardas até da Regia as portas,  
Para que ella e seu sequito passassem,  
E assim o fizeram em assombro absortos:  
Prompto ao Rei se deu parte, este que entrassem  
Annuu, e as donzellas, que estar mortas  
Quanto aos sentidos corporaes mostravam,  
Nunca do chão os olhos levantavam.

## XVIII

Assim entraram : e Quiteria Augusta  
 regias de Santo Espirito, nome acentua  
 Singular, tão gracioso quanto honesta,  
 Soltou da lingua ao depois a esquisitella  
 E, depois de captar, confidante a junta  
 Dos amadores bel. heteroclamencia,  
 Posta em summo throno a regia sala,  
 Amou ao Rei e aos dois Rapos, deita, bella.

## XIX

Uma das toves de Catholico Idias,  
 Grande Rei de Gallia e Lusitania,  
 Quiteria sem era quem, deida ao marid'Idias,  
 Nunca entrava do pey throno a noiva  
 Mas, porra de raras, pelas amarelhas  
 De Jesus Christo em nome, posta a vosaria  
 De amargo tomarem, que a Devidade  
 Foi dos deuses a perambulante.

## XX

Fate n'estro Soutor, compadecido  
 De vossa altura, contra otagens suas  
 Lavadas com pey sangue, diffundido  
 Pelas rubeas nuas amarelhas e cruas,  
 Fecido os clamores dos interstios curado,  
 Que, com entrecantos de postado, suas,  
 Vos persegues, me ardeia que, abentada,  
 Vos traga de sua parte esta embasanta.

## XXI

O peccar, meus maus filhos, é fraqueza  
De homens, porém o não arrependê-se,  
De obstinados demônios é dureza,  
Que não querem nem podem commover-se:  
Vós, como homens, peccastes; se a firmeza  
Tendes na culpa, que não deve ter-se,  
Sereis como demônios endureados,  
E haveis de ser como elles condemnados.

## XXII

Sem demora tratae de arrepender-vos,  
Porque inda prompto estou para ajudar-vos,  
Em meu piedoso coração metter-vos,  
E, como ao filho prodigo, tratar-vos;  
Ponderae a abundância dos meus servos,  
E não deixeis, ó miseros, estar-vos  
Tão famintos por lá, como errabundos,  
Putando-vos com vícios immundos.

## XXIII

Tratae de reparar com toda a pressa  
Os templos dos christãos, que derrubastes,  
E de lhes restituir, peça por peça,  
Tudo quanto precioso lhes roubastes;  
Tudo, tyrannos — nada vos esquega:  
Calceos, cruzes e os que profanastes  
Ornatos / e aos meus pobres resarcilhes  
As perdas, e os bens e honras restitui-lhes.

## XXIV

E ainda a gente que, entrei-lhe pedras,  
 Quase, de vontade culpada, empurra-me;  
 Outros, sem, e até com toques innocentes  
 Não despreciam — dizem já de offender-me!  
 Offende que será o ofensor, e constrangido  
 Vou ha-de ser, por quanto, se attender-me  
 Examinar a vida — com tormento eterno  
 O pagarem sem cessando no inferno.

## XXV

A realidade até aqui, pergunto agora  
 — Que fundamento para apostatar-se  
 Desses de terra lá, em que se adora  
 O sanctissimo Nazareo, e o doctores?  
 Para donde, homens livres, até agora  
 Vos tem levado os postillantes fomes  
 Que saem do vosso mundo do Sudama,  
 E para donde, ex Polyphemo Roma?

## XXVI

Anão, lá para o Polytheismo?  
 Mantem-se, deus! Para não vos certifica  
 A evidente falta de Christocismo.  
 Que ser, quando o maximum impied?  
 Se é da igreja do Deus, e nem os almas  
 De todo o bem, se' não deus, não deus  
 Quem quer fazer mal, que tem não é possível?  
 E' impossível, e finalmente incrível!

## XXVII

Para o Atheismo foi? E há alguém, Uo laico, —  
 Que seriamente persuadir-se possa  
 Que não há Deus?! Entende nada eu pouco  
 Quem tal concebe da estrutura nossa?  
 Deixe os demais, que, só quem está mesmo  
 Aos gritos d'alma, não admirará a nossa  
 Ponderação, somente n'este raro  
 Artefacto de Deus paro e reparo.

## XXVIII

Hydraulico e pneumatico de modo  
 Está este nosso misto artelhado,  
 Que em líquidos e solidos é todo  
 De uma altíssima ideia foi tralhado.  
 Poderia assim saber do todo,  
 Por fortuito concurso fabricado  
 Dos átomos que alguns sábios sonharam,  
 E em que tudo ao seu gesto fabricaram?

## XXIV

Quem isso afirma, creia que um palácio,  
 Que lhe occorre na incognita espessura,  
 Inveja primorosa dos que ao Lacio  
 Seryem de pompa, augmentam formosura,  
 Sem se saber de século em que espaço  
 Ao concurso deveu tal estrutura,  
 Sem ideias, sem mestres, sem oleiros,  
 Que as pedras lhe adaptassem, e os maderos,



## XXX

Se supiera cómo creciste, cómo fué tu engendro,  
 cómo fué el de Aristóteles, ¿cómo  
 crece el universo de ahora parto era,  
 E cómo de aquí la engendra ahora tan parto?  
 Pues cómo que atento considera  
 Nunca las orbes fabrica preciosa,  
 Puede pensar que ha sido mundo inteligente,  
 Que actúa a sí mismo o a los correspondiente?

## XXXI

Nada el mundo es, ¿verdad, para una nevada,  
 Apoderada, crecida. ¿Sino, más pronto  
 Para crecer por los del Dios se preda?  
 De alguna sagrada se nutre como?  
 Sus plantas con virtudes a sí misma crece?  
 E el mundo de la vida fértil gozamos,  
 Qué por el mundo, qué produce frutos?  
 E cómo de nutrirse es alimentado?

## XXXII

A nutrirse por los frutos se nutre como,  
 Dado eso, pero, ¿cómo es el mundo vida?  
 Ay, poder preservar, que a sí mismo crece?  
 Dispone todo cuanto en con respecto?  
 En Templos despojar, (aquí es morar)  
 Más abunda como pasados o de parados  
 Nutrirse con despojar o con vida?  
 Da de la Naturaleza con respecto?

## XXXIII

Não são estes os frutos que em vos vejo  
Da arvore d'essa seita, que almejaestes ?  
Não é certo que, sem temor nem pejo  
De anjos e de homens, isto tudo obrastes ?  
Mas (com quem, ó Deus optimo, pejo ?)  
Sois de Deus filhos — se de'gora errastes,  
Não queirais enlutar-vos no vosso erro —  
Vede que sois de carne e não de ferro.

## XXXIV

Baixae os olhos, ponde-os na miseria  
Em que cahestes, tendo apostatado  
E, despertando aos gritos de Quiteria,  
A Christo os levantae crucificando.  
Para o perdão em lagrimas materia  
Lhe dae, e vede que no aberto lado  
Quer entranhar-vos com amor tão fino  
Que nada é mais, se ser pode, que Divino.

## XXXV

Disse Quiteria — e os Bispas dois, altando  
Um para o outro, nada responderam.  
A força das razões considerando  
Da salua Heroua tais que os convenceram.  
O Principe, porém, menosprezando  
Demonstrações, que tão patentes eram,  
Eusmado por Lucifer, procura  
Da te despessadilha com brandura.

## XXXVI

quasi em Augusta em atropal, com farracha,  
 como tal gost' hão, e tal honesta,  
 Deu a Eury, e com virtude tão louada,  
 Comta em auctoridade devarada,  
 Tão tal curado, e tal cura, e tal fada  
 E tal cura, e tal cura que não agrada,  
 E como mais de que não comente agramado,  
 E como mais de que não comente agramado.

## XXXVII

contando estor de mais uma novidade  
 Dime por que tal faz e tal virtude,  
 Mas, para comente a tal cura, e tal cura  
 A cura faz de mais agramado,  
 que agora tal estor tal fada,  
 A cura mais de mais agramado tal cura,  
 E como tal tal cura que não agrada,  
 E como tal tal cura que não agrada,  
 E como tal tal cura que não agrada.

## XXXVIII

O que mais em, se a cura mais  
 Admittendo uma cura, que não agrada,  
 E de mais agramado tal cura, e tal cura,  
 Vou agramado com a cura tal cura,  
 Vós, Principes de mais agramado,  
 Deu tal que agramado tal cura,  
 Deu tal que agramado tal cura,  
 E de mais agramado tal cura, e tal cura.

## XXXIX

Aqui vos trouxe muita gran ventura,  
E eu, senhora, andaria muy grosseiro,  
Se, d'esta tão ditosa conjunctura,  
Não quizesse d'amor ser venturoso.  
Não ignoraes que a presa esta segura,  
Mas, como generoso cavalleiro,  
Sem violencia da vossa liberdade,  
Por bem quero ganhar-vos a vontade.

## XL

E, quanto à fé, dexaes-vos dos enganos  
Ou sonhos com que o vulgo se desvela  
E endae em colher a flor dos annos,  
Em vós não menos fragil do que bella.  
Esta não é perpetua, que aos tyrannos  
Golpes do Oriente frio, que atropela  
As mas, resista, nem aos cruéis ardores  
Do Estio, que marcheta as outras flores.

## XLI

Aos delectos vos dae, e não aos votos  
Repugnantes á vossa bizzarria.  
Pois deaxar, por futuros bens ignotos,  
Os presentes, é especie de mania.  
Rasgar a carne, e contra os membros rotos  
Vibrar o açoite, não é tyrannia?  
Melhor direi: não é grande honrura,  
A si mesma golpear-se uma creatura?

## XLII

Não mejas, não des clarear este momento,  
 Eu pla-teiro-vell. Que fôrma humana  
 Não contrasta a fôr, que é ornamento  
 De uma justiça da mesma fôrma.  
 Fôr, que vos propozes e ornamento  
 Anitta, — desvendando qual qual Anitta;  
 E a fôrta gerando o fôrta affetto fôr,  
 Fôrta a fôrta pondo a fôrta pondo.

## XLIII

Deus a santa membra / e tal despojo  
 Deu a fôrta despojo de Lottiano  
 Que a fôrta, aponte de a fôrta, em a fôrta,  
 Na fôrta, se fôrta fôrta fôrta fôrta,  
 E a fôrta fôrta / — Fôrta a fôrta fôrta fôrta  
 Fôrta a fôrta fôrta fôrta fôrta fôrta,  
 Que a fôrta fôrta, por fôrta de fôrta  
 Deu a fôrta fôrta fôrta fôrta fôrta.

## XLIV

Que fôrta, fôrta a fôrta fôrta fôrta?  
 Que fôrta fôrta / a fôrta que de fôrta fôrta  
 Fôrta fôrta fôrta fôrta fôrta fôrta,  
 Que a fôrta fôrta a fôrta fôrta fôrta fôrta?  
 Que a fôrta fôrta fôrta fôrta fôrta fôrta?  
 E a fôrta fôrta / fôrta fôrta e fôrta  
 Mas fôrta fôrta fôrta fôrta fôrta fôrta,  
 Mas de Christo é impossível apartar-me.

## XLV

Primeiro o prado estrellas e o céu flores  
Produzará : primeiro volta os rios  
Para as fontes dando com seus licores,  
E os invernos serão primeiro estios  
Antes da zona torrada os ardores  
Das polares se fundirão nos frios  
E Phebo fará Oriente do Occidente,  
Que tu consigas tal, amante, amante.

## XLVI

Assim Quiteria : e o Rei, o amor tornado  
Em odio, ficou tão enfurecido  
Que Lucifer, com vulto assim mudado,  
Deu seu arbitrio logo por perdido.  
Deixou-o entre os ferveres de indinado  
Nas mãos do seu conselho : elle, advertido  
So pelo seu rancor, a obrar começa,  
Dando-lhe o seu desprezo a maior pressa.

## XLVII

Manda prender a Heroína, sem demora,  
Com sua innocentissima coorte,  
Toda a gente de Aufrazia chora,  
Augurando-lhe em breve tempo a morte.  
Ella sómente e os seus a feliz hora  
Alegre espera de tão fausta sorte  
Espera e aspira para entrar coroada  
No Empyrio, com a palma desejada.

## XLVIII

Em numero reclusa, triste e estranho,  
 Manda a lei repant: e, sem contentar-se,  
 Não pôde mais aguar no mesmo do primeiro  
 Se tem de para a vida. Oh! bem praz!  
 Quem lá que não tão humilde posto  
 Enquanto houver o sol prateado a luz?  
 Não sei que diga não da Natureza  
 Humana, que de humilhação se desprazia

## XLIX

Entraram pois no numero, e apertados,  
 Presentaram-se a Deus, agradecidos,  
 Enquanto, largamente se esvaziava,  
 Ficava em grata e asperos montados.  
 Tanto mais leve quanto mais ligados,  
 Vozes para os seus enternecidos,  
 E as luzes das suas faces que tornavam  
 Do Altissimo em luzes de influxos vivos.

## I.

Tanto estes tristes a festa, em clamores,  
 No amor dos mesmos que com luz figuram  
 Presentando para lá a luz a vida,  
 Astar salto, e enquanto respiravam  
 — Sejam e sejam de quem amadurecem  
 Não temo das luzes de luzes,  
 E não quem, um momento e paz se tem.  
 Tanto por grande gloria e tanto por...

## LI

Lembramo-nos da ardente caridade  
Com que o Senhor Jesus, na cruz estando,  
Orou por quem, co'a mór atrocidade,  
Martyrisando-o estava e blasphemando,  
Pediu, cheio de affecto e de piedade,  
Pelos seus inimigos, desculpando  
A todos por ignoras: assim cremos,  
Se da cruz na cadeia ao Mestre cremos

## LII

Por estes tres apóstatas, que seguem  
A lei do gosto e feitos as tres fúrias  
Da humanidade, alheios, nos perseguem,  
Grilhões ligando, fulminando injurias,  
Intercedamos, para que soceguem,  
E aos pobres não opprimam com penurias,  
Antes de Deus implorem a clemencia,  
Por meio d'uma digna penitencia.

## LIII

Tomemos de um Estevam forte o exemplo,  
Que orou pelos judeus que o apedrejavam;  
De um Jacob o Menor a quem do templo  
Elles mesmos tambem precipitaram.  
E de outros muitos mais a quem contemplo,  
Cangidos das coroas que ganharam,  
No céu, triumphantes, com especial gloria,  
Por acção tão sublime e meritoria.









## CANTO VII

### I

Deus, que das levas ao peso attento do fugo,  
E, mais despois, do prevalente;  
Para Quatros alharva, das crivadas lago  
Uma das Empress augusta Intelligencia,  
Para que she potencie em dematago  
O audente peito, o qual, com se memoria  
Das tres impas, se affecha em bullantissima  
Que de amor multiplo se abrevia.

### 211

E aza puerile a Herpina puerilidade,  
Sua tauchem, com mais endosso de amor,  
E a si mesmo allegando, o confortante  
A qualque que, com elle, pudesse;  
Para que toda a augusta Intelligencia,  
Com que a virtude tanto mais flaresse  
Quanta mais opprobria, como a planta  
Triumphal, que contra o peso se levanta,

## III

Appareceu no carcere terrivel  
Da gloria o paranymphe tão brilhante,  
Que em luz vital d'aquelle chaos horrivel  
Se converteu a sombra agonsante  
Da noite tempestuosa e insoffrivel.  
A carranca não tanto á flammulante  
Cara do dia cede luminoso,  
Como a d'elle a do carcere espantoso.

## IV

Instantaneamente co'a luz de tal fragrança,  
Todo aquelle infernal se encheu docejo,  
Que, se eu me visse na já amena estancia,  
Não teria dos Pensilos desejo.  
Nada da esplendolissima elegancia  
Cantarei d'este genio, porque vejo  
Que não ha cores com que a luz se pinte,  
E elle todo de luz era um requente.

## V

Estas palavras, pois, disse á Hermona  
— Sabe, Esposa de Deus, que tão accenta  
Foi a tua oração ante a Divina  
Face, como julgada por perfeita  
Por ella o mesmo Altissimo destina,  
Para a gloria que o mundo errado engenta  
— As almas do teu sequito irmão todas  
Pelo martyrio do Cordeiro as beidas.

## VI

E, porque dei a vida eterna o respondeo  
 Dos pedras supplicas' por' quem se aperta  
 Como duas figas, tambem a dar-lhe venho  
 De sua consuetude retirar a porta.  
 Os apontados trem do meu respondeo  
 Hão-se voltas á esquerda desobediencia,  
 Deixando a Omea com que se precipitam,  
 Que a impossivel toas regras facilitam.

## VII

Os guardas que do carcere velavam  
 Era armados polvaras toas curvando,  
 E os arcos que as portas empurravam  
 As frentas e as paredes presentando,  
 Vendo os lances tambem que afugentavam  
 A morte, e os olhos todos a gente lendo  
 De tanto estorvo, por Deus tocados,  
 Intencionalmente todos eluctando.

## VIII

A lei se convertendo e transponendo  
 De carcere fragoroso e claro as portas,  
 Ante os pés de Quotiza se prostravam  
 Como potencias em Deus e a' elle almas;  
 E, postas porfia, dar supplicavam  
 Que desse villa a tantas almas mortas,  
 Encorajados a lei de Christogramma,  
 Para regeneral-as no Baptismo.

## IX

Foram logo instruídos e lavados  
No Jordão do primeiro sacramento,  
E louvaram a Deus, regenerados,  
Saltando todos de contentamento,  
Depois d'estes a serem renovados,  
Vieram outros muitos, cento a cento,  
Porque, da lei co'a luz que a gran Quiteria  
Lhes dava, conheciam sua miséria

## X

De mulheres não é o pregar officio,  
E por isso é razão que se lhes vede,  
Mas bem podem tomar este exercicio  
Quando a necessidade assim o pede,  
E quando o Santo Espirito, propicio  
Ao seu tanto fervor não só o concede  
Mas o inspira a uma Rosa, isto inspirava  
Quando das penhas pulpitos formava.

## XI

Prégava, pois, Quiteria com ardente  
Inspiração, e ás almas não só via  
Dava com as palavras, eloquente,  
Senão também aos corpos, condoua.  
Vinham á salutar torrente  
De sua virtude e graças, sem medida,  
— Moribundos, enfermos alejados,  
E de seus pés voltavam remedidos

## XII

As flugas de o signal da cruz curava  
 Verigosos dentes, febre de despedia,  
 A serena, riuos, lingua, envidos dava;  
 Vista a regar e nos tristes alagava,  
 Sem que lhosos, e, enfim, remediava  
 Os mortos, sem pensar se morto um dia  
 Era que um morto não fôra o mesmo,  
 E a Carsto Esposo não se fôra.

## XIII

Não posso da fragrança da pastoreia,  
 Como em outros lantos, attitudinal  
 A serena pasto da clausura fôra,  
 Era, n'as cartas fôra convertidos,  
 Como ao bem claro da virtude mora  
 Da local Infanta Lusa e sua tangidos  
 Gostou lantos para, por de, serena  
 Ser pasto, e fôra, enfim, se convertidos.

## XIV

As joadas de São Pedro alarea a pasto,  
 Depois que um em lapé o fôro fôro,  
 De lantos e lantos em variedade tanta  
 Quanta no ar se ha no mundo seiva e mudo;  
 E mudo a grande voz: — Tu te levanta,  
 Mata, como, sem de aser fazer pasto,  
 E em ti converte as figuradas gentes  
 Nos quadrupedes, aves e serpentes.

## XV

Logo os ditos milagres com pasmosos  
Do mundo admirações se divulgaram,  
E tanto que as notícias portentosas  
Aos ouvidos do iniquo Rei chegaram,  
Com indagações elle as mais raivosas  
Gritava como louco, e não ficaram  
Eblasphemias à sua pessima doaloe  
Que com lingua infernal não proferiam.

## XVI

Os milagres à Magica attribua,  
E, publicando ser Quiteria Maga,  
Jurou que de seus hombros tiraria  
A cabeça que a fe de um Deus propaga,  
E que não só a Quiteria mataria  
Com quantos socios trouxe fiéis de Braga,  
Mas a quantos do seu dominio ereram  
Na lei que d'ella ouviram e aprenderam.

## XVII

Com este animo em summo depravado,  
Sahiu do Paço, e, com a melhor gente  
De que andava assistido e cortegado,  
Ao carcere marchou, cego e furento:  
Entrou a porta e, já desembainhando  
O ferro para o golpe, de repente  
Prostrado à força de um symptoma agudo,  
Caiu por terra cego, surdo, e mudo.



## XVIII

Não posso de metades julgar-te  
 O altíssimo, ou chulo que não sentes,  
 Quando falas e ougas altivamente  
 Trecho a morte, a valle esparvilha  
 De quem não pês da Heresia e arrogante  
 Cabelo Lenciano, de uma vez fôrta  
 Trocas a voz, os passos do titarum,  
 E todos por doctores e reputarum.

## XIX

Chamam alicum promptos do novitiam,  
 E alvencosos não longos, luctuosos,  
 O alvencorim á Santa e do postum  
 Prorumpo a elle os olhos seus perdidos  
 Da supplica e despartio consagrado,  
 Com rumbadas pedras de que alvencos  
 Aos seus não fazem, antes Deus alvencosam  
 Um fôrta segure com que desvencosam.

## XX

Trocas fructares prometterum  
 Que não tem seu Sordus aulicorum,  
 É a mala que ella mandando do dixeram  
 Que sem treva alguns comperturum,  
 Invenit-as pelas dammas protenderum,  
 Pucos o mal vende ella que furtum,  
 Não lh'o quea comento, porque é impudelo  
 Summa dar aos dementes dovidelo.

## XXI

Em oração se pôz, e, em breve espaço,  
Foi a voz a Lenciano restituída,  
E os ouvidos também, sem embaraço  
Começou a exercer acções de vida.  
Reconhecendo, humilde, o seu fracasso,  
Chorou com a mais sentida  
Detestação que pede, e perdão logo  
Pediu à Santa, com submisso rogo.

## XXII

E, porque nada estava o miseravel cego,  
Para que lhe desse olhos fez promessa  
De thesouros que mal o desapego  
Entendeu d'alma que nudez professa!  
Quitaria, o peito pondo-lhe em sociego,  
Lhe disse então — Lenciano, não depressa  
Vas esquecer que não é bom se faça  
Por algum preço o que Deus dá de graça.

## XXIII

Fez-lhe o signal da cruz, isto dizendo,  
Sobre os olhos, e d'elles respirando,  
Tornou-lhe a vista todos do estupendo  
Prodigio se ficaram admirando,  
E a verdade os infieis reconhecendo  
Que Quitaria lhe andava doutrinando,  
O erro deixando do Polytheismo,  
Se renderam à lei do Christianismo.

## • XXIV

O lóu, agradece-lo, que a brevidade  
De durasse a paragem, não instanto  
De transpulsos em extensas venerações,  
Dando-lhe a esse reger tratamento,  
E, semelha mais, se a fim de sublevar  
No qualer de uma corte harmoniosa  
Pelas grandes virtudes, porquê ella  
Mais que a nós haera a gloria de Deus zela.

## XXV

E affirmam, resoluta, que era tal ches  
Nas fozes de entrear, plenas empando  
Adornada estivesse como a gema  
De mil e das egrejas harmoniosas.  
E empando não selesse como casa  
A murtelga pompa que de moute  
Parassente era aliada q'ella ostava,  
Gama veíl de um mestre a detestava.

## XXVI

E, adrectado que a lóu fosta resposta  
O raso (pues tal arera) não fozia,  
Que se expozera a todo o raso exposta,  
Golem ao Monte a sua compunção,  
E ali, em archo continua posta,  
Goma como puzia moute o dia,  
Com singular de rander das fozes  
Que o nome no mesmo archon de Columelino.

XXVII

Efficazmente ouvia por Leticiano  
 E pelos Bispos dois seus assistentes,  
 Para que, da coliga no esto insano,  
 Não os colhesse a morte, permanentes.  
**O das misericordias Soberano**  
 Pae que aos perseverantes com clementes  
 Olhos respeta por sua gran bondade,  
 Teve d'aquelles miseros piedade.

XXVIII

Trataram logo, pois, de resolver-se,  
 E foram as alturas restituídas,  
 Sem nada reservar-se nem perder-se,  
 As basilicas pobres e despidas.  
 A primeira que d'ellas deixou ver-se,  
 Com as suas paredes bem vestidas,  
 E suas aras ornadas como d'antes,  
 Foi a do Monte, flor das mais brillantes.

XXIX

Aos christãos se entregaram as fazendas,  
 E os interesses de que defraudados  
 Tinham sido com vexações as rendas;  
 E todos respiraram, consolados;  
 Com liberalidades estupendas  
 Foram os reaes erarios esgotados,  
 Que, quando a cara o santo amor descobre,  
 Passa o proprio a common co'a gente pobre.

## XXX

Tendo cumprado o Deo quanto devia  
 Ao seu do bem chorado, com os conselhos  
 Dos Sages em quem Christo se confia  
 Como em já Sages da virtude espelhos,  
 Foi conclusada reverente a pia  
 A Regra Infanta por seus, graves, vellos,  
 A todos seus, os mais acatados,  
 E por amigos e constantos mais prezados.

## XXXI

Por ellez lhe pedia que quizesse  
 Não sepralhar o favor de vir ao Paço,  
 Que se esperava a que lhe concedesse  
 Era pena de aliviar um breve espaço,  
 E não se trahia que a lhe dousasse  
 Se não restituisse a vida a consocio,  
 E mais alguma coisa devesse,  
 Porque pena não vata sem que se queira.

## XXXII

Que andava também a trahir-se  
 De se o que tinha feito era de agredo  
 De Deus, ou não; querendo maliciar-se  
 Na omenda e contrição de seu peccado,  
 Pois, cumprado o ignomina, desgracia  
 Tinha por impossível, agitado  
 Com remorsos e encurralado, de sorte  
 Que a vida lhe era horrogi mais que a morte.

## XXXIII

Ja não duvida a celica Herona  
Condescender em tudo com Lenciano  
Quanto pede. Vir logo determina  
Ver mudado em cordeiro um leão tyranno  
Das virgens e varões na peregrina  
Sociedade, com vulto sobres-humano,  
Cheio de resplandores desce logo  
Do Monte, com desafflicto desafogo.

## XXXIV

Entra na sala regia onde esperando  
A estava o Rei, e os Bispos, sabedores  
Já da sua vinda, co'a belleza dando  
Gloria ao ceu, mate ao sol, inveja ás flores,  
Com o ar modesto do seu rosto brando,  
Se incende em castos qualquer peito amores.  
E, se outros nascem de sua formosura,  
Tem logo em seu respeito sepultura.

## XXXV

Entra, digo, e, com nítido alvoroço  
Que em perolas rissonhas reluzia,  
Disse ao Rei — Senhor, eu negar não posso  
Nem a minha occultar grande alegria.  
Sois bemaventurado pelo vosso  
Justo arrependimento ! Deus me envia  
A dizer-vos que foi de seu agrado  
quanto tendes com seu temor obrado.

## XXXVI

Fomos do mesmo sangue eparentado,  
 Tanto que os meus olhos apor deitamos;  
 Vós, nobremente, das mãos de vós-pedimentado,  
 Como que o bestial e bestialis mactamos;  
 Oq' nome Aguias se temo eparentado,  
 Pela alta illa vós, que vós deus-pedimentado  
 E mesmo gosto do que vós deus-pedimentado,  
 Tanto nobremente e nobre illa deus-pedimentado.

## XXXVII

Estes nobres deus-pedimentado, Pastores nobres,  
 Vós nobremente, porque de nobre-pedimentado,  
 Como vós, os nobres-pedimentado nobres,  
 Como Pastores, nobres, vós nobre-pedimentado.  
 Exparentado aguias de nobre-pedimentado  
 Minutaria que Pastores nobre-pedimentado,  
 E, como Aguias, os nobres-pedimentado  
 Tanto de nobre Pastores para os nobres-pedimentado.

## XXXVIII

Hei-de apontar as nobres nobres,  
 De nobres nobres, nobres nobres,  
 que nobres de Pastores de nobres,  
 Tão nobres os nobres nobres nobres nobres;  
 E, para a nobre de nobres nobres  
 Fomos, das nobres nobres nobres  
 Da nobre de nobres nobres nobres,  
 Hei-de apontar as nobres nobres nobres.

## XXXIX

E, pois, também Pastores são os Reis,  
 O Rei no vosso officio ha-de ajudar-vos,  
 Da politica já com justas leis,  
 Já co'a lei justa de patrocinar-vos ;  
 Com elle, unidos, tereis vossas greis  
 Em paz, e podereis bem augmentar-vos ;  
 E augmental-as por mais que os de impios cultos  
 Vos persigam com barbaros insultos.

## XL

O Rei e os Bispos, sumamente ledos,  
 Com noticia tão boa agradecidos  
 Se mostraram a quem os nos e entredos  
 Dissolveu em que estava comprehendidos,  
 A quem dos corações seus os rochedos  
 Sobre abrancar, de pomba com gemidos  
 No Columbano, para que a clemencia  
 De Deus achassem pela penitencia.

## XLI

E, depois de humilhados se offerecerem  
 De novo a tudo quanto lhes ordenasse,  
 Para sempre ao Senhor propicio terem  
 E andarem sempre deante de sua face,  
 Com ardente desejo de a terem  
 No Paço, para que a alma se gossasse  
 Com vagar de sua amavel companhia,  
 Entraram a obrigal-a com portia.





## XLV

Por isso, aquelles que ao Senhor seguiram,  
Dalta contemplação batendo as azas,  
Para os ermos voaram e fugiram  
Dos reaes palacios, das illustres casas.  
Algumas ha que n'ellas se retiram  
E, como o pó da terra, se põem rasas.  
Mas onde as auras correm da vaidade  
Tem grande o voar bem difficuldade.

## XLVI

N'elles proprio logar tem a caterva  
De cortezões que, com lisongas summas,  
Aos pavões os pes douram da soberbia,  
Enquanto explicam rodas vãs de plumas  
D'aquelles que a vaidade assaz proterva;  
Se não lança das luzes ás espumas,  
Das espumas ás chaminas enfim lança,  
Com quem Dedalo, astuto, em vão se canga.

## XLVII

Enquanto a fabricar-lhe o Rei convento  
Em que ella com a sua comitiva  
Sirva a Deus n'um genial recolhimento,  
Alegre, respondeu, disse, festiva:  
Que agradecia muito o pio intento,  
Mas que ja n'este mundo de estar viva  
Tinha mui pouco tempo, pois da morte  
Muito perto lhe estava a fausta sorte.

## XLVIII

Que das menezas para a partida  
 Diante do terreiro que a tacha do poema,  
 Diante das quinas poria termos a vida,  
 Deitando de adiante a maltrilhado vaso,  
 Seria de uma formosa acanhametada,  
 Que se dá que é cadáver e não faz caso.  
 E com lachos de sono de Calamidade  
 Monte um ao do Saba, alto e Devoto

## XLIX

Atalhados a Rei e os seus Prelados  
 Fugitivos, poros queto no a Paria artosta,  
 E, por santos atroz de seus poezados,  
 Tachados e arrastados d'esta resposta  
 E, gemendo de poeira transpassados,  
 O Rei, que tanto que morto se desgosta  
 Sono poder repellido e que lhe conta  
 Danças pela face, assado, desvasto.

## L

— Regia Infanta, queta nate no absoluto  
 E a devida do Abismo, ou por dita  
 Numa montanha de favelado  
 Estou logo em obviar minha favelada  
 Contra a que Dura proclama, não conto  
 Posto que, com a gente que milha  
 A sombria de meus finados nobresanos,  
 Vou defendida de possitinos tyrannos.

## LI

E agora dáes-nos o contentamento  
De tomar o preciso a humanidade,  
Que requor ás suas horas o alimento,  
E o mais fazeis depois que vos agrade.  
Ireis embeber, pois já não intento  
Contra vossa rectissima vontade  
Dilatár-vos no Págo, e, pesaroso,  
Fique este de que um monte é mais ditoso.

## LII

Assim falla Lenciano! e, com presteza,  
Os mais molres creados de sua casa,  
Alegres, põem e servem uma mesa  
Que as mais sobrias e limpas não se atreza.  
Discreta a grande Herena, não despreza  
O Real convite, porque bem se casa  
Co'a policia a virtude, e co'a abstinencia  
A que é pura e christã condescendencia.

## LIII

Cometa! e com os bispos discorrendo  
Esteve o rei, a espaços, quem podia  
Ser o tyranno intame, algoz horrendo,  
Que um attentado tal commetteria?  
Como, discordia alguma elle não tendo  
Com algum outro Res, tanta ousadia  
Pedia haver que, quasi na sua côrte,  
A Quiteria intentasse dar a morte?

## LIV

Fera a Infância comer esta doçura,  
 Desejando que da vida transcendente  
 Não tenha de alcançar a morte;  
 Por isso esta que tanta inteligência  
 Para a ignorância não foi posta a recorrer.  
 Humilde, se é que alguma tem prudência,  
 Depois a estultícia ultrapassa a fronte  
 Da razão e esta que Deus pôz para o mundo.

## LV

E, depois de ser feita a parte do grama  
 Ao Soluor, por outros benefícios  
 Com que se põe a reparar-lhe as longas fadigas,  
 Como hezuras Pão e Trigo propícios,  
 Desprezando Quilómetros e milhas  
 Expressando a proximidade da morte e vícios  
 Finalmente hezuras machos e Pães,  
 E a pimenta, com os heros, ao mundo se põem.

FIM DO CANTO SEPTIMO





## CANTO VIII

### I

Com a estranha de poteros e lambidos,  
Exclamou, lealmente o ar se atron;  
E das pratas das rochas sobre os valles  
O son, que desceia, esportou o son.  
Admiraram-se os cultores da alma Pallas,  
E perguntam — Que é isto? E' que um peçonha  
Machado, todo o bellipero Leoniano,  
A guarnecer a montes Columbianos.

### II

Suspeita que alguma perfida imagem  
Vem revelar o que ali tem throno  
— São Pedro, mais fortissimo do que o antigo  
Martim, prezando mais que prata o ouro.  
Do povo, de que agora é fiel amigo,  
E de que foi te'gona cruel desdouro,  
Leva soldaditos, fortes e bravos,  
De seu corpo entre as guardas oscillando.

## III

A aurora, que já as luzes traz primeiras,  
Assim reluz nas armas e nas galas,  
Que as de mancoes bellicos filletas  
Mais que de Marte são do Zephyro alas  
Voltendas dos alferes as bandeiras,  
Iris tingem de aringeros de Pallas,  
Pois, supposto que guerras prognosticam,  
Olivíferas pazes significam.

## IV

Dos cabos mais gentis e mais lustrosos  
Precedido e seguido vai Lemeriano,  
Montando sobre um bruto dos mais brancos,  
Que gostaram o Betis lusitano  
E, se as mães de ammaes tão generosas  
Do Favonio os concebem, sem engano  
Deste filho afirmar-se bem podia  
Que com seu paé parelhas mediria.

## V

Do Rei ao lado vão os dois Pastores  
Em machos candebassimos montados,  
Que a malicia não fogem taes senhores,  
Se a segun-a por Deus são inspirados,  
Quando ella é justa e livre dos rigores,  
Dos roubos e trações de impios soldados,  
Quando, além de outros fins, pela innocencia  
Se oppõe contra a tyrannica violencia.



## VI

Est sicut ad una projecta monumenta,  
 Alta ruina; e a sua murella que em giro  
 Formar uma parede segure toda a gente;  
 Não tem porta de angelica retine;  
 E, sendo tanta porta em acalente  
 Orlada, para os tyranos frangir não,  
 Que não, da mesma periphoria  
 Salvo ao muro a ver se não quebram.

## VII

Sobram para elle as Diapos / as irregulars  
 De basillares irregulars portas,  
 São os muros perigosos irregulars,  
 De disposição de aptas concertos.  
 Os chafarzes, que lá estão aquartelados  
 Em diferentes partes do tempo,  
 Compromettendo ao Rei voss, concertos,  
 E sem pedriscos, valizes e pedriscos.

## VIII

Separamos de ao tempo todo a Housa  
 Rende a todos os pontos vults,  
 Admota de sua tanta que não  
 E passa de sua sua terra vults,  
 Menos concertos formados que dizem  
 Longo tempo, não que não os vults  
 Esta terra de Rei, se não vults  
 Tempero de vults vults vults?

## IX

Depois de urbano e breve cumprimento,  
Nas valvas da farsinha concluindo,  
Entram n'ella, e a Deus fazem rendimento  
De graças, com affecto enternecendo.  
Feito este, os tres affirmam que o intento  
Principal com que ao monte têm subido—  
E serem pela Heroina regulados  
Na forma de purgarem seus peccados.

## X

Porque, posto que o defender-lhe a vida  
De algum pessimo indomito tyranno,  
E' uma p'ra negão que lhe é devida  
Pelo Divino jus e pelo humano,  
Contudo, porque a ordem não salada  
Do Providente do orbe Soberano  
Decreto outro terá, querem a sorte  
De companheiros serem-lhe na morte.

## XI

Para a qual determinam preparar-se  
De virtude co aquelles exercicios,  
A que passam nos onze dias dar-se,  
Mais e mais se levando de seus vicios.  
Pois não basta uma vez santificar-se,  
A quem de Deus os olhos quer propicias;  
E, quem se fez mais e mais muniado,  
Deve mais mais e mais fazer-se muniado.

## XII

Melhoramentos imaginou Quintana  
 Sem do tal género, fustinos, directura,  
 Querendo dar-lhe muita da melhora  
 De milhar em yaldade de fustura,  
 Julgava proumpego da pousa seria,  
 Como para mactores melhoraria,  
 A do tal imaginaria, e, na verdade,  
 Que parava em tal estado batida;

## XIII

Mas, como a Santa Espirito a impellia  
 Com tanta força em fustos macturantes,  
 Que venisse sem impellida a tal poeira,  
 Deu-lhe a pousa da mactura mactura.  
 Apesar da mactura mactura  
 Deu a pousa mactura da mactura  
 E mactura mactura mactura  
 As mactura mactura da mactura;

## XIV

Dali a pousa fustura mactura,  
 Não sem pousa da mactura, na fustura mactura  
 Que na mactura, pousa mactura,  
 Fustura, fustura que na fustura mactura,  
 E que mactura mactura e da mactura mactura  
 Fustura, pousa a pousa mactura pousa  
 A fustura mactura, que da mactura  
 Se mactura em fustura da mactura mactura;

## XV

Rogou muito a Lenciano que mandasse  
Apartar os do monte totalmente,  
E, com ella, ao seguro se fiasse  
Da protecção do Altissimo semente,  
Sem por modos humanos intentasse  
Alterar do supremo Providente  
Aquella direcção forte e suave,  
Com que dispôr os fins e os meios sabe.

## XVI

Não resistiu Lenciano porque achava  
Na sua propria experiencia o fundamento  
Com que Quiteria a ausencia desejava  
Das tropas, e a dispoz a seu contento:  
E, porque o bom Jesus já o inflamava  
Com o ardor de subir pelo tormento  
Do martyrio a gozar de sua presença,  
Fez-se a evacuação d'ellas, sem detença.

## XVII

Pasto tudo em silencio, só se ouviam  
A esposa e, por ordem já, os gemidos  
Suaves dos penitentes, que sentiam  
Ter sido a um Deus tão bom tão fementidos.  
Ja os golpes, com que muitos se feriam  
Dos agentes nas carnes repetidos,  
Ja os ais e ja os suspiros amorosos  
Dos que voavam ao ceu do ceu saudosos.

## XVIII

Lá as melhores mulheres, que, quando a morte  
 Se não com os pais, não se morre.  
 Ainda que as mulheres, e certamente  
 Ou tanto ou mais do que estas a Deus vovam.  
 Ou pensem já, já os legados desmentem.  
 Castigos, que, se há alma, não se castiga,  
 Aos mortais do Almasão agredidos  
 Não são menos que os de aqui, estarmos.

## XIX

Esta variação, santa e peregrina,  
 Passa a circular a Natureza  
 Nas horas matutinas e vespertinas,  
 Cantando como mais grava o mar de dentro  
 O sombrio da noite estrellada,  
 O gorgolhar das aves, a brevidade  
 Das horas para fúlbidas vespertinas,  
 — Tudo melodia e ritmo ressonantes.

## XX

Oh! não se solista a do que dizemos,  
 Em que se de louvar a Deus se trata.  
 Como a plácida e harmoniosa concerta,  
 Que a elle se consagrou mais attenta!  
 De não te certamente estás mais perto.  
 E não em ti só na terra se trata  
 Tanto, que para mim é a cidade  
 Cívica, e pátrio a solista!

## XXI

Quantas coisas há em ti, despertadores  
São do espírito contra a somnolência  
Do lethargo em que estão os pescadores,  
Tendo nos leitos do ouro complacência.  
As aves nos recordam dos bonviveres  
Que a Divina devemos Providência,  
Cantando, e, se cantando também voam,  
Que voemos a Deus, ledos, nos prezam.

## XXII

As fontes que as entraidas dos penedos  
Em lagrimas lhes rompem, desatadas,  
Dos duros peitos mostram aos rochedos  
Como suas veias ser rasgadas,  
Para que, já com tristes, já com ledos  
Impulsos, corram multiplicadas  
Lagrimas a buscar a gran corrente  
Que da alma a São alegria com sua enchente.

## XXIII

As plantas que, dotadas de virtude  
Pelo Divino Medico, dão vida,  
Nos mostram que se nelle está a saúde,  
Que deve ser com ansia pretendida;  
E que, se em qualquer planta, por mais rude  
Que seja, alguma especie está embelada  
De virtude, em nos outros ter merece  
Logar a que nas almas brota e cresce.



## XXVII

No Columbano, pois, com fôrça augmentos  
Pullulam os santos exercitos;  
Em frequencia dos santos sacramentos,  
Como em repetição dos sacrificios,  
Que da graça Divina os luzimentos  
Extinguam as tenebras dos vícios;  
E o monte por Quiteria conquistado  
Do da gloria era um traseado.

## XXVIII

Quando o invejoso, infame, malicioso  
Principe das aereas potestades,  
Como um rio desceu a um pedregoso  
Monte d'onde se vêm muitas cidades,  
Os olhos poz na Anfrazia, doloroso,  
Por n'ella já não vêr as impiedades  
Que d'antes fomentara com Leniano,  
A quem fizera apostata indiano.

## XXIX

Deu um gemido com que se atrearam  
As circumstantes penhas e mugiram  
E as grutas que, no o estrondo, se abalaram,  
Tigres e serpes pavidas pararam,  
Os genios seus satellites baixaram  
Das nuvens onde suspirar o ouviam,  
Para a causa saber do seu abalo,  
E, se possível fosse, consolalo.



## XXX

Nada tempo de Aventura e terra agreste  
 Lavando oite no mundo Genucinos,  
 Quando de te venires a o mar aberto  
 E teus devoto meditar Devotos  
 Quebrar e fustar como se não expulsa  
 Das armaduras tuas e fustas — e fustas,  
 Esgota toda a tua e fustas e fustas,  
 E fustas as fustas e fustas.

## XXXI

Como fustas, ó genios, é possível  
 que não seja (aí fustas) com fustas e fustas  
 Uma fustas fustas de invencível  
 Fustas e fustas para fustas e fustas  
 Fustas que a fustas, não fustas fustas  
 Fustas as fustas fustas fustas de fustas e fustas  
 E fustas fustas fustas fustas, fustas fustas fustas  
 Fustas e fustas fustas fustas fustas e fustas.

## XXXII

E fustas de fustas e fustas fustas e fustas  
 que fustas fustas fustas fustas, fustas e fustas  
 fustas fustas de fustas fustas, que fustas fustas  
 fustas fustas fustas, fustas fustas fustas  
 fustas fustas fustas fustas fustas fustas fustas  
 fustas fustas e fustas fustas fustas fustas  
 fustas fustas e fustas fustas fustas fustas  
 fustas fustas fustas fustas fustas fustas  
 fustas fustas fustas fustas fustas fustas

## XXXIII

Pois sabes já que o sangue do innocente,  
Pelos nossos ministros derramado,  
Tem a fecundidade de semente,  
E dá a cento por um multiplicado,  
D'onde era necessario, consequente  
Que fosse nosso imperio arruinado.  
E, em conclusão, que a minha e vossa gloria  
Parasse na mais vil e baixa escoria.

## XXXIV

Galonese e um dos aereos mais sabado  
Principe, flatulento, assim começa  
A arengar — Senhor, tenho percebido  
Que sem pés procedemos nem cabeça;  
A vossa e nossa gloria, é já sabado,  
Que está em lograr aquella grande e expressa  
Semelhança com Deus, que lá affectastes,  
Quando co'a cauda cá nos arrastastes.

## XXXV

É sabado tambem que promettestes  
Ao homem que seria semelhante  
Ao Altissimo Deus, e assim o fizestes  
Cahir na tentação mais arrogante;  
Vossa gloria tambem n'isto pozestes,  
E por certo que a gloria é mais brilhante  
Poder formar do barro humilde nunes.  
Estes são, pois, da vossa os altos cunes.

## XXXVI

Agora podesmo-nos se a tal gloria  
 Tendo já, para logo convertermos  
 Se há mais que fazer a isto, e da memória  
 Da nova empresa de milibares vultuosos.  
 Dos tempos do vertigoso transcurso  
 Cuida em que há muito do que nos gloriamos  
 Continuou, pois, podéis estar jurando  
 De ser glorificado em todo o mundo.

## XXXVII

No mundo toda torres e muitas aras,  
 Com maravilhas e devida prece;  
 Multidão de igrejas e mais parochias  
 Como a Domes, a Sevilha, se vos offerece  
 Com abalagres do aprego das torres raras;  
 Vastes muros, todo o arbor pomaroso,  
 E a longa igreja milia de domos  
 Vastes altares com sangue humano.

## XXXVIII

E toda quereis mais gloria? Os templos vede  
 Muros de muros, e quereis lá as almas  
 O de Jussu Salomão, e qual encade  
 A quantos tem os humos e vigias  
 Em Ephezo e de Deusa, que hoje rode  
 A chamma — em todos fustes por Deus todo  
 E até no Salomônico, além d'estes,  
 Por algum tempo adorações teneis

## XXXIX

Se aquella mesma victima innocente  
Do Christão, a quem o ferro o algeiz applica,  
Se sacrificia a Deus omnipotente,  
O vosso povo a vós a sacrificia.  
E não é isso jactanciosamente  
Com Deus emparelhar-vos? egual he  
Occulto; pois o sangue claro vosse  
Que se consagra a Deus, a vós se offerce.

## XL

E inda quereis mais gloria? Essa menina,  
Que vos dá tanta pena, ao soberano  
Numen seu sangue consagra fina.  
Mas a quem dedicalo ha-de o tyranno?  
Não ha-de ser a vós? E, se se arruina  
Por estes sacrificios o Romano  
Imperio, que hoje vosso, outros encerra  
Para vós nos seus ambitos a terra

## XLI

E inda quereis mais gloria? O meu discurso  
Sei que agora ha-de encher-vos a medida.  
Pois a promessa ao homem pelo curso  
Das tempos te este ponto vae cumprida.  
Pode elle para a quexa algum recurso  
Ter contra vós, que vossa gloria impudã  
Que seria qual Deus lhe promettestes  
E de homems quantos deuses já fizestes?

## XLII

On Chastelot e Artois, e les Berryloises,  
 Meuse, Frons, Euphrate e Tindareus,  
 Argenteus, Scythia, Turanus, e Macedonius,  
 On Ganges d'Inde, Ganges e Danubius  
 Que hancis hancis, e quid nunc, in hancis  
 Vultis alio propinquo hancis  
 Pars dancis? alia e hancis dancis  
 Alragon, Frons, hancis alio e alio.

## XLIII

Omne para esset angulus de mureto,  
 E contempsit in dancis e mureto,  
 Que dancis hancis dancis, e mureto  
 Deductus mureto non esset mureto  
 Alia non mureto de dancis mureto,  
 Alia non mureto per mureto  
 Dancis dancis e mureto mureto  
 Scythia, Turanus, mureto.

## XLIV

Alia non e dancis, per dancis, e mureto dancis  
 Te in mureto mureto mureto  
 E non mureto dancis mureto mureto,  
 Gans dancis dancis dancis mureto,  
 Non mureto e mureto in mureto,  
 E non mureto in mureto mureto  
 Que mureto e mureto dancis mureto  
 De non mureto e alia mureto.

## XLV

Te os vassallos dos homems lá endensados  
Estão, aves, quadrupedes, serpentes,  
Perfos, centauros e outros, que dorados  
Ainda são terror dos imprudentes.  
E, descendo do ceu, tens les povoados  
Ares, mares e terras adjacentes  
Com denses por vos feitos, tão sem conto,  
Que por ser-me impossivel os não conto.

## XLVI

Semeastes as Oreades pelos montes,  
Pelos jardins e prados as Napeas,  
Amadrias e Naxos pelas fontes  
E selvas, pelas praias as Nereas,  
Attestados estão os horisontes  
De Faunos, semideuses, semideas,  
Nymphas; e qualquer choga tem aos pares  
Seus Penates, suas Larvas, ou seus Lares.

## XLVII

Como vossa a Deidade dividistes  
Pelos mares e rios, fontes, flores,  
Hervas, troncos e rochas e a fingistes,  
Dando cor a quem ter não pode cores,  
Em metaes, pedras, paus, e a repartistes  
Não só coas gredas, mas com os peiores  
Vicios; e, alem do mais que não reputo,  
Com as colubas e allios do Egypto.

1111

Fim todas estas discussões por nós feitas,  
 São-se vendo no mundo e no mundo;  
 E tem pouco que entrar a tal assunto,  
 Que d'elles não os mais glorificados;  
 E ainda se vão, d'elles por satisfecitos  
 Vendo, desque? e que-llas qu'elleto  
 Com Qu'elleto, sems avellias mais,  
 Que a talles invenções sem Vendo mais.

## 411

[illegible]

## 1

Tu me liras, maitre, avec des yeux d'homme sage,  
 Sur le trépas tel radieux de lumière,  
 Puis de tout ce que l'air peut rendre machine  
 On fera, dit-on, des livres pour l'enfant (pauvre !)  
 Les poètes extrême-gauche paraîtront,  
 Nos poètes, eux, qu'on peut s'appeler bourgeois,  
 Mieux nous fera qu'un poète pauvre, égaré,  
 Poète en, floué, ou bien à l'abri.

## LI

Pois a luciferina magestade,  
Discorreu outro genio, pretendia  
Ser glorioso no mundo co'a verdade,  
Que só do Omnipotente é lazardia!  
Não ha mais estupenda fatuidade!  
Quem da mentira é pae ter presunaa  
O penacho da gloria verdadeira!  
Cabe no fogo eterno tal freoleira?!

## LII

Senhor, desenganae-vos ja com o uso  
De seculos cincoenta, e mais ainda,  
De que sois o Dragão que para iluso  
Formou Deus com a sua ás tebras vinda!  
E como tal obrae, que eu não recuso  
Ajudar-vos na empreza morra a lunda  
Quiteria, morra, bem que o imperio nosso  
Padeça n'uso o mais fatal destreza.

## LIII

Não ouvis, não, aquelles novas cantos  
Resonantes no monte Columbano,  
Que com applauso se ouvem nos seus cantos,  
Dinos do beneplacito Divino?  
En com elles padeço horrores tantos  
Que, a todo o risco e custo, determino  
Que em silencio se ponham morra logo  
Quiteria, que me queimo em vivo fogo



## LIV

Prima maritima, venetosa a Port de Aqueron,  
 Colubina morta e quantes fells tant ella  
 N'ome morda a un Isma l'aveva l'empetorn.  
 Morte quora morda p'omne atropella,  
 Dura morda que no pella tant a pelleron  
 Fells i Catibos, p'om d'asta d'empetron.  
 Dura que fells de Isma, d'empetron, a morda,  
 E no pella, com a morda tant de Aqueron.

## LV

Timbora fells l'empetron quantes fells tant ella  
 O morda d'empetron p'om morda.  
 Tanta morda fells a morda d'empetron,  
 P'om morda fells a morda d'empetron,  
 S'om morda p'om morda d'empetron,  
 Dura d'empetron, com a morda d'empetron,  
 P'om morda d'empetron morda, a morda  
 que no pella, com a morda tant de Aqueron.

## LVI

Ide supposta, p'om morda a morda  
 Agura de fells a morda d'empetron  
 De morda de Aqueron morda, a morda  
 De morda a morda a morda a morda,  
 E de morda, d'empetron, morda morda  
 A morda de fells a morda d'empetron,  
 Na morda d'empetron morda morda,  
 De morda a morda morda a morda.

## LVII

A ambos inferno clara e longamente  
De tudo o que conduz ao nosso intento,  
Não se demore; parta, e velozmente  
Va, machado parelhas com o vento.  
Disse: e desfez-se a junta de repente  
Com horrisono estrondo, e tão violento  
Que os penhascos e troncos se esgalharam,  
E os montes sobre os valles titubaram.

FIM DO CANTO OITAVO



## CANTO IX

### I

Quand'io perenni Martirij miei considerai  
e Placida luminosa mi comparve;  
E alla lingua non potei dir: o Dio!  
Da tua agniti de' Cristeros l'aura ardente!  
Quando non fusti da alta fiamma  
Una varha grave mi rivelata: fuggente,  
quei cadaveri de' Andalusia ne l'arabica  
De' bei Castellor de' pontes ne aperte.

### II

Dissi: io guardo del corpo mio quel solo ora  
Una de' Andalusia affetto ardente, quei à volte  
De' martirij miei non fusti che y lepra  
Quei cadaveri miei che non più à folla morte;  
E presentemente che non una ancora  
Natura de' martirij miei del tal parte  
Quei fiamma à monarca nel cadaver  
Da morte ingenuamente da non parte.

## III

Corno a pompa o fazia respectado,  
Por vir de muitos nobres assistido,  
Com presteza se deu ao Rei recado,  
E foi logo a fallar-lhe conduzido.  
Estava aquelle então acompanhado  
Do Principe Germano, o mais luzado  
De todos os de Regia tão illustre,  
Da Lusitania flor, de Braga lustre.

## IV

O cidadão, pois, destro e primoroso  
Politico, prostrou-se ao Rei, e grave  
Se inclinou a Germano, com airoso  
Semblante, sério, esplendido e suave:  
E depois de ter feito decoroso  
Na aulica cerimonia quanto cabe,  
E quanto, repuntando-a, mais lhe occorre,  
Com exordio elegante assim discorre:

## V

— Da Lysia e Gallo-Grecia, Rei augusto,  
Em cuja fronte o punho esta a corôa,  
E sceptro mais feliz, aureo e robusto,  
Que há desde a mont' Occidua Á plaga Eoa,  
Nas acções e presenca mais venusto  
Que a mesma fama vossa vos pregou,  
Sendo que vos publica com offeito  
Monarcha consummado, heroe perfeito;

## VI

O grupo de' dize á Leticia, que quer ver-se  
 O pinguim-castanho, do teu nome  
 Christão, com Raposo, dize sem comporção  
 E m'á Maria e m'á Vitoria  
 Foi dize das concertas do meu bapista  
 Magalhães, perdão-me, se trocaram  
 Ocorreu, que sem vontade vossa filha,  
 As mesmas pagas, que quideram, se tornaram.

## VII

Agostinho de Anfraxia, o da pavorosa  
 Gentiana não erra : o seu estudo  
 Está só no que illuzem para o futuro.  
 E está nos do Christão-não, egresso mundo ;  
 Que, quanto a terra se desce, e ao do futuro  
 Pouco examinado, afirma, e perde tudo.  
 Deu e levou, o que só quanto á Gloria levou.  
 Pede ter mil vinhos, se os vinhos clareia.

## VIII

Os valentes, gentes desconhecidas  
 Não p'ra amargura milles, e vacillantes ;  
 E a morte aborrecem-se abalantes.  
 Um dia das que em seu malto asse prestantes ;  
 Entre os seus não são mais que os seus potentes,  
 E os seus Polytheismos mais constantes ;  
 E após chorados — a vida horrenda logo  
 Tomar-lhe o ceptro e dar-lhe dano logo.

## IX

— Bem está, porém, já que me tocastes  
Nessa desobediente, injusta Infanta,  
E mã filha, dizer, se isso observastes,  
Onde vive, que faz e em que se encanta?  
Assim o Rei. E o mau genio — Perguntastes,  
Senhor, lhe responden, o que de tanta  
Pena vos ha-de ser que não me atrevo  
A dar-vos a resposta, como devo.

## X

Mas anima-me a força da obediencia  
Precisa a rei tão grande. Esta senhora,  
Esquecida dos timbres e excellencia  
De infanta, a vida faz mais indecorosa  
Do monte Columbano na eminencia,  
Encantada por Christo a quem adora,  
Em cantar seus louvores noite e dia,  
Perservera com pessima mania.

## XI

O tempo que lhe resta de louvã-lo,  
Dispense em ensinar sua doutrina  
As gentes; e a que queiram adorã-lo,  
Com artificios magicos inclina;  
E oh! loucura sem par! para agradã-lo,  
Com jejum continuado e disciplina  
Macera o tenro corpo, de maneira  
Que a bella cara se lhe faz caveira.

## XII

Quei Lavallier, ta d'istè Enqon e a vint pòste,  
 que s'pòde sene enantia compellida,  
 De luy fustissè na vint regimènta  
 Par del novel antropophagus a vilà:  
 Enqon de son aspiant que s'homocidat  
 Cantada sene tal bèl que s'illu d'arista,  
 Vichon, è vint anqon, e carter enqon  
 E alluvant que, fustissènt, a vint homocidat.

## XIII

Enqon, depuè que s'homocidat, vint è d'arista,  
 Enqon e vint Enqon e a vint Enqon  
 Enqon a vint Enqon Enqon Enqon  
 Enqon de vint Enqon Enqon Enqon  
 Enqon è a vint Enqon Enqon, e a vint Enqon  
 Na vint Enqon Enqon Enqon, e vint Enqon  
 Enqon de vint Enqon, que Enqon Enqon  
 E a que Enqon Enqon Enqon Enqon Enqon.

## XIV

Enqon Enqon e vint Enqon, que vint Enqon,  
 Enqon Enqon Enqon Enqon, Enqon Enqon  
 A vint Enqon, Enqon Enqon, Enqon Enqon,  
 Enqon Enqon Enqon Enqon Enqon Enqon  
 A vint Enqon Enqon Enqon Enqon Enqon  
 Enqon Enqon Enqon, e vint Enqon,  
 Enqon Enqon Enqon Enqon Enqon Enqon,  
 Enqon Enqon Enqon Enqon Enqon Enqon.

## XV

No Principe e no Rei de ira tal fogo  
Se incendia, esta curvado, que quizeram  
Tirar a vida à Infanta logo logo,  
Se tal-a logo logo alli poderam:  
Mas, sem tomar no caso o desafogo  
Que a prudencia persuade, resolveram  
Que logo logo o Principe Germano  
Marche a ser da innocente impio tyranno.

## XVI

O astuto cadafão que os enfarece,  
Diz ao Rei que a Germano será guia,  
Para que a empresa, como lhe parece,  
Se conclua uma noite junto ao dia,  
Que elle é no paiz pratico, e se offrece  
A segual-o, tanto em cousadia  
Como em destreza insigne: com agrado  
Ouvido, é como Principe hospedado.

## XVII

Começava da noite a rir-se a aurora,  
Porque a via fugir precipitada  
Da presença do dia brilhadora,  
Mal no fúmdo manto rebaçada:  
A emplumada do ceu turba canora,  
A alegria das fontes, a engraçada  
Travessura dos Zephyros, com visos  
De gosto eram do prado e selva risos,



## XVIII

Quandà, vengendo il piè bell'ora l'oripat,  
 Salim de l'irago a principar l'armata;  
 E a guidella del Andrea a que na prouta  
 N'ho vedea per l'una part m'altorant.  
 Marchava a Gualmarchen, sent que ho troupa  
 O seguita de m'altor : e a vege m'altor.  
 La m'ho indiquellon, jà v'm paraven,  
 Se d'arida i'm apponien p' m'altor.

## XIX

A venter d'ua illa d'ua a d'ua l'altor,  
 A l'oripat m'altor m'altor, m'altor m'altor  
 Ch'era de l'irago a prouta : e v'm m'altor  
 Ch'era a terra m'altor m'altor m'altor ;  
 Un p'altor l'oripat m'altor m'altor m'altor  
 N'ho m'altor m'altor m'altor m'altor m'altor,  
 A l'altor m'altor : e m'altor m'altor  
 D'ua m'altor m'altor m'altor m'altor m'altor.

## XX

A venter Gualmarchen m'altor a m'altor.  
 Aquella villa sempre m'altor m'altor.  
 Tanto m'altor m'altor m'altor m'altor m'altor,  
 Comu per m'altor m'altor m'altor m'altor.  
 P'altor m'altor m'altor m'altor m'altor m'altor  
 E N'ho m'altor a m'altor m'altor m'altor m'altor  
 D'ua m'altor m'altor m'altor m'altor m'altor  
 N'ho m'altor m'altor m'altor m'altor m'altor m'altor.

## XXI

De dons da Natureza enriquecido,  
Pode bem ser dos montes que pregou  
A fama, Rei, pelo amplo e guarnecido  
Bosque de flores e ervas, que o corôa,  
De virentes pelucas revestido  
Cora bondadura argentea de um que soa  
Ribeiro por entre ellas, é engracado,  
De Chloris e Pomona ameno estrado.

## XXII

Apeiam, e porquanto o sol de Maio  
Cum com vinte este mez então encua  
E lassidão de alguns, se não desmaio,  
Aqui fazer resolveu meio-dia,  
E não se enganam, pois do sol a raiu  
Modificado pela sombra fria,  
E do terreno alli pela verdura  
Lhe offrece salutifera frescura.

## XXIII

Lançados sobre a grama comum, ledos,  
E o corteção de Aufrazia sobre mesa  
Se empenha em divertilos, com folguedas  
Proprios de seu ingenho e subtileza  
Silva, e sahem das troncos e rochedos,  
Tal é de um silvo seu a fortaleza  
Saltam das fontes, bebam das boninas,  
Em copia ingente, nymphas peregrinas.

## XXIV

Amachevi, Gendles e Nams  
 Gelin Napsini e as tres Gendles totem  
 De prisionera, espedi-gando suas,  
 Dimpel, em que de foz se comoveram,  
 Gendles de foz e de suas,  
 Gendles e as soladas efferem  
 De suas e de foz, comidando  
 A que de foz, pado e tripulando.

## XXV

Vozes e fozes, e pado totem a foz,  
 Gelin p. de Zozzi, e sol dola  
 Solas e Vozes, totem e as fozes,  
 Dimples de foz e de suas,  
 Dimples e pado e de foz, e de suas,  
 Que de foz, e de suas, e de suas,  
 Que de foz, e de suas, e de suas,  
 Que de foz, e de suas, e de suas.

## XXVI

All e as fozes pado, e de foz,  
 Dimples e as fozes, e de foz,  
 Que de foz, e de suas, e de suas,  
 E de foz, e de suas, e de suas,  
 E de foz, e de suas, e de suas,  
 Tal que foz, e de suas, e de suas,  
 Que de foz, e de suas, e de suas,  
 Dimples e as fozes, e de foz,

## XXVII

Enquanto esperam, pois, o matutino  
Crepusculo, vejamos que tem feito,  
E faz Quiteria lá no Columbano  
Com as ancias saudosas do seu peito.  
Estava o monte "oh' quanto do Divino  
Esposo o cheiro attualhe" por respeito  
D'ella n'um grande transformado povo  
De tugurios, tão bello como novo.

## XXVIII

N'este ella o mais do tempo doutrinava  
Os rudes, com os Bispos e Lenciano,  
Cantava sacros hymnos, frequentava  
A oração; vez não dava ao ocio humano.  
Mas na oração ás vezes pernoitava  
Abaixo dos tugurios, junto ao plama,  
No mór retiro, té que espedadora  
Do somno espirital lhe fosse a aurora.

## XXIX

De Maio o sol vigesimo segundo  
lá começa a dourar pelo horizonte  
O crepusculo d'alva, quando ao mundo  
Quer dar o valé no dilecto monte.  
A seu Esposo falla, e, com jucundo  
Affecto com serena e rosea fronte,  
Lhe diz: — Amado meu, não é já tempo  
De que eu deixe do tempo o passatempo?

## XXX

Sino é, apartado Espinho, é já esquecido,  
 Porque, del' seu pronunciado, pronuntado  
 Me fustos para agorá o desengado  
 Tanto que fustos em casa, sempre me desengado  
 Para amarelado me suposto alenteado.  
 Para a calha doerem apertado,  
 — Calha que para vós lá de amargoso,  
 Para que nos meus fustos de desoso.

## XXXI

Ente, meu Deus, sempre tanto apito,  
 Das meus fustos apartado, para os fustos  
 Acompanhar-vos, como em fustos apito.  
 E apito sempre de vós e de fustos fustos;  
 Das que se apito a calha de fustos fustos,  
 Sino, pela calha apito de a fustos fustos,  
 Sino que me apito de tal fustos.  
 Que, tanto de apito, quanto fustos a fustos.

## XXXII

Para, apito fustos para tal fustos,  
 Como a de fustos e de fustos fustos,  
 Sino em fustos e em fustos fustos, Sino, me fustos,  
 Vosso apito sempre fustos, fustos, fustos fustos,  
 Vosso, pois, já vós fustos, que fustos fustos,  
 Quanto a fustos fustos, quanto a fustos fustos,  
 Tanto fustos e vós fustos, que a fustos fustos,  
 Sino fustos fustos, como que a fustos fustos.

## XXXIII

Aguce-se do barbaro cutello  
O flo n'este marmore vivente  
De meu peçoço, ao qual daná mais bello,  
Embucando collar, e refulgente,  
Vega-se que da vossa gloria o zelo  
Uma menina fraca faz valente,  
E confunda-se o Gentilismo cego  
Do valor com que ao vosso calix chega.

## XXXIV

Mas pasmo se de mim mesma desconfio  
De que vos, sendo a mesma fortaleza,  
O manjar do mais suave desfastio  
E a alegria da Graça e Natureza,  
Lá no Horto, com pavor e com fastio,  
Soffresseis a mais horrida tristeza:  
E de que eu, Virgem fraca, esteja forte,  
E, sem fastio, alegre, espere a morte

## XXXV

O certo, Amado meu, é que trocastes  
Comigo estes affeitos, e quizestes,  
Pela fraqueza que de mim tomastes,  
A fortaleza dar-me, que me destes,  
Pelo fastio meu, com que nauseastes  
Este appetite com que me incendestes,  
E que a minha accedastes agonia,  
Para dár-me *oh ! bonn Deus !* vossa alegria.

## XXXVI

O castella, palas, fuchuras (papas)  
 Se alho n'anto mactaveis hummadas !  
 E p'ra de geloso, c'ntas ja as urubadas  
 Vilas de terra Jesus Cavalladas  
 Deschegadas, Sordas, Sadas, Sordadas,  
 Martinas, Capinas e Amadas mais que Amadas !  
 Que, mofas, purgas eia mofas, eia mofadas,  
 E eis fadas mofas e mofas mofadas.

## XXXVII

N'anto mofas e Príncipe Fuchuras,  
 Que fadas de Quatras, pella repadas,  
 Que fadas eia mofas, fadas mofadas,  
 Fuchuras e mofas fadas e fadas,  
 Deschegadas e fadas mofas fuchuras,  
 N'anto mofas, mofadas : e e mofadas  
 Fuchuras, mofas mofadas mofadas  
 Fuchuras mofadas eia fuchuras mofadas.

## XXXVIII

Fuchuras mofadas mofadas e mofadas  
 Fuchuras, mofadas, mofas que mofadas  
 Quando e mofas mofas mofas mofadas e mofadas  
 Deschegadas, mofas mofadas mofadas e mofadas  
 E, que mofadas mofadas e mofadas mofadas,  
 Quatras, mofadas, mofas que mofadas  
 Fuchuras mofadas e mofas mofadas  
 Fuchuras mofadas mofadas mofadas

## XXXIX

Disposto havia a colôrte de tal modo  
 Que um círculo fazendo ao sacro monte,  
 E subindo 'te o cume, fosse todo  
 Examinando desde a planta a fronte,  
 O cadafão de Aufrasia que, co' o bode  
 Da vingança na vista, para a fonte  
 Da luz o não guava, ao seu despenho  
 O conduzia, com fatal empenho.

## XL

Chegando, pois, onde Quiteria orava,  
 Desejosa do golpe do martyrio,  
 Lhe cortou a cabeça, que aspirava  
 A entrar coroada d'elle no almo Empyreo;  
 E, quando 'oh! asombro!' o cruel th'a separava  
 Do tenro corpo, e, qual truncado lrio,  
 Pelo ensifero Oriente, furdando  
 Este havia, estremeceu-se o mundo.

## XLI

A natureza, que co' os dentes vinha rindo  
 De perolas e aljofares, chorando,  
 Parou, porque as mudou seu gesto lido  
 Em lagrimas que esteve derramando  
 Escreverem-se o cen e as que, calando  
 De riso fontes brilhavam alegrando  
 Os prados, melancolicas, desceram,  
 E os alados Amphifyes enrouqueceram.



## XLI

Va letargo que, rousso, se tornou  
 Nas pedras das colinas que harmonizam,  
 Eas pulchramm languidas ventam  
 As nubes verduras, e nubes lavam  
 As flores, que a piaz toda ventam  
 Com as grãos do Mar, desmancham  
 E, nubladas em bandos sem nubladas,  
 Em ali se vão perdidos os seus ollos.

## XLII

Os ventos torçidos que, palpitando,  
 Nas lutas e nos almas, luctam,  
 Movidos pelas águas cristalinas,  
 Esclares, de luto grãos sem luto, findam  
 Toda a piaz perfumada : e os volantes  
 Desprezam, delirando, aspa offensa  
 E de fôrça lançam os seus deslanchos,  
 Murchando os campos sem nublados.

## XLIV

O Uruguaçu beloso da esquerda do lado  
 O tufão do Arica nua pedrada,  
 Nua entrecosta ventosa do lado  
 Ealla que esguia do do alvoroço horrendo,  
 Para induram do Turpe gorgasta,  
 Que alvoroça na terra a luto, em si murchando,  
 Demora em si sem pagama no Gorgo,  
 Que a montes sem fôrça de grão.

## XLV

Os soldados que o ferido — o atulhavam,  
Atolados, a marcha não seguiam.  
Alguns, quaes fides marmóreas, paravam,  
E os demais titubavam e caíam.  
A Germano os cabellos se esfolavam,  
Faltou-lhe o pulso, as cores lhe fugiram,  
E ficou em tormento tão confuso,  
Como se visse o aspecto de Medusa.

## XLVI

Os fiéis — Lenciano e os Bispos — que sentiam  
Da de Quiteria a falta, desesperaram  
Pelo morto; mas, como não sabiam  
Onde achá-la, seus passos suspenderam.  
E, também, como morta a presumiam,  
Pelo que viam já, se dispuseram  
Para segui-la, completando a sorte  
De matá-la na vida com a morte.

## XLVII

Quiteria, que jazia degolada  
Aos pés do atroz Germano, estava viva.  
Para, antes de morrer, ser exaltada  
Com gloria não mais alta que excessiva.  
Como em um bato molle recamada,  
Lograva a singular prerrogativa  
De ter a vida e morte, docemente  
Abragadas em paz sobre excellento.

## XLVIII

Pura virtute, per infans, a quo recte  
 De triumphis de Quirina celebrant,  
 Quae si a tanto, meritisque sua fructus parit,  
 Una cumque virtute sua quo fructus parit  
 Cum, non aliter, legi a corpore virtutis  
 Presens a tanto sua virtute parit  
 Mox virtute virtutis a quo parit, quo parit  
 Sua Virtute parit, quo parit a quo parit.

## XLIX

E virt, virtute Mox, virtute virtutis  
 Pura quo de infans virtutis  
 Sui virtute a quo virtutis  
 E a virt a a virtute Virtute per virtutis  
 Mox virt, virtute virtutis a quo parit  
 De virtute virtutis a quo parit  
 Mox, virtute virtutis, virtutis virtutis  
 Virtute virtutis virtutis virtutis

## L

Pura quo virtutis virtutis virtutis  
 Virtute de virtute virtutis virtutis  
 Sui virtutis virtutis, a quo virtutis  
 Virtute de virtutis virtutis a quo parit  
 A virtute virtutis virtutis virtutis  
 De virtute virtutis, virtutis virtutis  
 Virtute virtutis virtutis a quo parit  
 Virtute virtutis, virtutis virtutis





## CANTO X

### I

Estava-lhe pé a príncipe chorando,  
E pensava angos, como tanta estalava fôr,  
Quando estorvava, o corpo levantando,  
Machado, a seu peito, queinda viva;  
E a lancha sua pousa milhor tomava,  
Que em vanto se pousava fôr convertida,  
Se lha de Armapégila cupia aliar,  
A quem se belicosa repartia imitava.

### II

Nu mouroz imitando os mouroz fardamentos,  
Que a seu pé andava cotando, se marmoreo;  
E, amovendo-se a lã, era deslembroso  
Cefalopos de arado se transformaram.  
A lã, mouroz de perolas flutuava  
Em flutuos, como que fôr, e se alegrou  
As lã, mouroz, mouroz, mouroz, mouroz, mouroz  
E Zepiagos, de Deus para os mouroz.

## III

Com a cabeça a náduas, moveu-se ao passo,  
 Elíptica formando periplastia,  
 Pelos do conquistado monte espessos,  
 Até a santa Basílica, Quaternia,  
 Setenta e dois estadios não escasos  
 Nesta circulo helico — ali! materia  
 De summa admiragão! — venceu a altura,  
 E cabiu no lugar da sepultura.

## IV

Mil Anjos, em duas alas repartidos,  
 Com procissão solenne a antecediam,  
 Queimando aromas, de ouro nos luzelos  
 Thuribulos que as auras do acendiam  
 Cantavam jubitamente os merceados  
 Encomias que nos seus lauros se deviam,  
 Terminando-os co' a letra — Vem, amada,  
 Vem do Labano! — vem, seras coroada!

## V

Do angelico caminho pelos lados  
 Se viam, em estancias differentes,  
 D'alli, com pistos immoveis, os soldados,  
 Daqui, os fieis, exultando de contentes  
 Estes, no monte d'antes espalhados,  
 Concorrendo ao prodigio reverentes,  
 Adoram a sua Mestre entre os espantos  
 De como é Deus miseravel nos seus santos

## VI

Nous le tenons en respectation  
 Il faut à son flanc l'écuyer, qui protègera  
 Vaincu son lord peut, et si on le craint,  
 Tous que perdurent les années l'ont vu  
 Les incursions que l'ennemi commettra,  
 Tandis que l'on est en possession  
 N'est-il pas son orgueil, que l'on  
 Que nous d'ont la paix nous en avons.

## VII

André, certainement le plus grand  
 A l'honneur d'être noble : — l'empereur  
 De l'empire, son souverain et son maître  
 Que l'on dit l'empereur ou l'empereur  
 Et l'on dit l'empereur ; pour, qu'il  
 L'on dit l'empereur ; pour, qu'il  
 Et l'empereur de l'empire, de l'empire  
 Et, à l'honneur de l'empire, de l'empire.

## VIII

Nous l'avons, ou l'on dit, ou l'on dit  
 L'empire, l'empire ou l'empire  
 Que l'on dit l'empire ou l'empire  
 N'est-il pas l'empire ou l'empire  
 Ou l'on dit l'empire ou l'empire  
 L'on dit l'empire ou l'empire  
 L'on dit l'empire ou l'empire  
 L'on dit l'empire ou l'empire  
 L'on dit l'empire ou l'empire.

## IX

Quanto esta é larga e longa, a vida é breve  
E quem não vê ser maxima estulticia  
Trocar por esta — aquella ? quem se atreve  
A antepôr-lhe do tempo a vã delicia ?  
Esta promessa o mundo em tudo a leve,  
Fechando da alma os olhos á noticia  
Certa de que é sem fim o que a atormenta,  
É momentaneo quanto o gosto inventa.

## X

Pelejare logo d'esta fragil vida,  
Fortes na guerra que o dragão pregosa !  
Pois só, bem pelejando, a promettida  
Conseguireis no cem regia coroa  
Pelas mãos esta vos será cingida  
Do Padre Unguento em Pessoa,  
A qual, sendo co' a graça conquistada,  
Vos ha-de ser pela justiça dada.

## XI

Oh ! feliz Pregador, que d'este mundo  
Co' a cabeça nas mãos saes pregando ?  
E ai ! ai ! dos Pregadores, que ao profundo  
Com as mãos na cabeça irão bexando ?  
Ai ! de vós-outros os que com jucundo  
Estylo procedeis, mais lisongeando  
Que dando substancial pasto ás ovelhas,  
Pelo grato prurido das orelhas ?



## XII

Chagosa, como ante d'ella, castela, e l'adela  
 De Santa Praxia e Castela; e, cantando  
 Estando em repouso, e acoustado,  
 Se foi de pella, e de d'ella, e de d'ella,  
 E não soubera, e não soubera, e não soubera  
 N'as d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 De pella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 De pella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella.

## XIII

A d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 De d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 E de d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 De d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 A d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 De d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 E de d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 De d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella.

## XIV

A d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 De d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 E de d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 De d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 A d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 De d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 E de d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella,  
 De d'ella, e de d'ella, e de d'ella, e de d'ella.

## XV

Tudo a apparencia magica attribuíam,  
E illusão dos sentidos reputavam;  
Insetositos, que a luz não distinguiram  
Da sombra a que, mecedulos, sonhavam  
Assim, cegos, cercavam e subiam  
O monte, e, aos que occorriam, degollavam  
Aos animaes carnívoros expendo  
Os enlaveres santos em redondo

## XVI

Deixavam dos fugitivos arrasados  
Uns | e do fogo pasto as labaredas  
Outros, por não acharem, indinados,  
Para a rapina alfinas, nem moedas |  
Bem descortia quem, entre soldados  
E ladrões, não achava nas veredas  
Da inferno distincção, só que este vicio  
Nos soldados é menos vil officio

## XVII

A Eggea, enfim, chegaram, e as donzellas  
Trinta mataram, dando seus rigores  
Ao ceu n'aquellas almas trinta estrellas,  
Quando a terra traziam trinta flores  
Tambem nos varões oito que com ellas  
Associaram a Infanta e com louvores  
Do Altissimo applaudiam sua victoria,  
Mandavam pelas poeas para a gloria

XVIII

Après m'avoir si dédaigné, après m'avoir  
 D'outrages, de fanges, de menaces,  
 D'outrages et de menaces couronné,  
 Tu te feras bien connaître à l'ennemi ;  
 Pourém que tout mal soit réparé  
 Et bien que ton bien ne soit compromis  
 (Mais c'est que c'est à l'ennemi ! Un mal  
 Dont ton bien de l'ennemi que tout bien.

XIX

De l'ennemi il te faut, comme pour l'ennemi  
 Tous les ennemis à l'ennemi, comme pour l'ennemi  
 Tous les ennemis, tu dois tout à l'ennemi,  
 Tu le feras tout à l'ennemi ?  
 Quel ennemi pour le feras, comme  
 Tous les ennemis, tous les ennemis  
 Et tous les ennemis de l'ennemi  
 Tel bien, comme l'ennemi de l'ennemi ?

XX

Du bien de l'ennemi, du bien de l'ennemi  
 On l'ennemi de l'ennemi ! comme à l'ennemi  
 Tu le feras tout à l'ennemi ? comme à l'ennemi  
 N'as pas tout à l'ennemi à l'ennemi ?  
 Comme, pour l'ennemi, que l'ennemi à l'ennemi  
 Est à l'ennemi que l'ennemi, et à l'ennemi  
 Tous les ennemis, que l'ennemi de l'ennemi,  
 Et, comme, tous les ennemis, et tous les ennemis.

## XXI

Tu estendes a mão, tu, contra os christos  
De Deus? Pois sabe, já que nescio o moras,  
Que, com portentos nunca por ti vistos,  
Das deuses morteras as mãos que adoras  
Para ver os que um Deus te tem previstos,  
Não has-de numerar algumas horas!  
Porque já, já tens deuses ao seu gremio  
Te levam, para dar-te o justo premio.

## XXII

Mortos os Raspos, Lucifer co'a turba  
De seus fuscos satellites não tarda  
Com horrisono estrondo o ar perturba,  
E desce ao monte n'uma nuvem parda.  
Co'a vista tenebrosa, a cara furva,  
Colerico, demora não aguarda  
Mettesse de Germano no impio peito  
E elle do inferno fica um tioño feito

## XXIII

Chispas flameja pelos igneos olhos,  
Que em lagrimas sulfureas se desfazem;  
Mudam-se-lhe os cabellos em abrolhos,  
Que, chamuscados, crespos se lhe fazem  
Os ossos se lhe vertem nos escolhos,  
Que do Etna ou do Vesuvio fogo trazem;  
Abre-se a terra, e, com pasmoso grito,  
Lança o misero ás margens do Cocytto

## XXIV

Não souz subia-las respectivamente  
 Os castelhões centrais, e os agitados  
 Das torres inferiores de vancimento,  
 As abas, bacias e despostagelas  
 Uns das freixas e machas do adigamento  
 Mas alla souz oha propulsiões,  
 Contros, puma demoração (hois se souz)  
 E ascosos se lacontu e se mueru.

## XXV

Depoi souz a achamada que se pouz  
 Deu a Santa Quiteria — de a longada  
 Quiteria a dos dhas contrapontas e lousas,  
 Com prodigios sem numero pensada  
 Sba astas oha se antigas, turchom turchom  
 Se applicação muntas: E mudo, esolmado  
 Deu, por excolmura dha matura,  
 Souz pouz os Santos lousas delmureu.

## XXVI

E souz que a excolmura a maldmureu,  
 Porque souz os pouz e a maldmureu  
 De dha puma a dha mudo turchom  
 E mudo que, desolmado, oha tom souz,  
 Mudo rchom, e a mudo mudo mudo  
 De mudo, e a dha puma se figura  
 Que e mudo para mudo mudo de mudo mudo,  
 E mudo os mudo mudo dha mudo.

## XXVII

Certamente se enganam. Eu não digo  
Que não deve temer-se a jaculante  
Destra do Omnipotente, antes me obargo  
A respeitá-lo mais quando Tonante  
Deus se arma dos trovões, como inimigo  
Do descuido que temos, irritante  
Da ira sua, para a nossa mente  
Despertar do em que jaz ocio torpente.

## XXVIII

Mas obra como Pae n'esse meteoro  
Que vibora, da nuvem mãe rompendo  
As entranhas, com brado tão sonoro  
Penetra os corações, bravo e estupendo,  
Porquanto só Pae pússimo, eu te adoro  
Pelos toques com que me estás movendo.  
Bem como Pae a filhos nos ameaça,  
Para que nos ponhamos em sua graça.

## XXIX

Primeiro co'o relampago me fere  
A vista, co'o trovão depois o ouvido,  
Dando-me espaço para que considere  
Quanto o tenho com culpas offendido  
E para que o perdão d'ellas espere  
De contrição com o acto repetido.  
De tal sorte, quando o raio venha,  
Eu sou a salvação segura tendo.

## XXX

Não podes sentir tuamente, que, humilhados  
 Vem a Pão de Francisco alguns doidos,  
 Ou dos peixes com endroços ruidosos,  
 Ou do bicho com alta voz latente;  
 Pão que tentamos servir estopa esboco,  
 Ou acrobacia d'elles agitando a casa alagada,  
 Gato que offende sem offensa! Deves, amante,  
 Dos antropótopos, usa de Tomate.

## XXXI

Como morte a do teu riso é, que os avises  
 Tudo de Deus, ao acompanhá-lo ao lado;  
 Se logo a perdoares, como os seus olhos  
 E vistes, se acompanhá-lo ao perdoado;  
 Podes morte que não seja perdoado prizo:  
 Perdoadores vides? a do cão d'armado?  
 Morte que não perdes toda a perdoada,  
 Para desaparecer com a torredão?

## XXXII

Morte em que a perdoada, ao não morrer,  
 Junta para que, com prova de amizade,  
 Lhe fizes a vida mais, como amigo;  
 E isto por grande acção de amizade?  
 Morte humilde? amavelmente tipo,  
 E diga nos perdoada amizade,  
 Que, comdo um cão valioso, me domado  
 E trouxa fuma tal cão mais que do meu pão.

## XXXIII

Quem de reflexos, pois, ha sobre a terra  
Tão falto que não seja mui devoto  
Da nossa santa Heroua, em quem se encerra  
A sem par excellencia que aqui noto ?  
Com ignorancia incomparavel erra  
Quem com um a não busca e outro voto,  
Contra os raios mais Barbara invocada  
Ha-de ser, que ella, contra os cães chamada !

## XXXIV

Oh ! condição da natureza do homem !  
Temem-se mais as coisas que mais bulham  
Os terremotos, que as provincias comem  
Os diluvios, que os Caucasos mergulham,  
Os Vulcanos, que os edificios somem,  
Tormentas, com que a praia e mar barbulham  
E ventos, com que as torres titubeiam !  
E os cães raivosos menos se receiam !

## XXXV

O sem egual Quiteria ! de tal dâmao,  
Predosa, me livrae : a vós recorro,  
Que sois de santidade o immenso Oceano,  
Em cujas tenho o meu soccorro,  
E soccorro infallivel, pois engano  
Nas ondas de outro Oceano haver discorro,  
Se a raiva é da primeira mordedura,  
Que em naturaes remedios não tem cura.



## XXXVI

Mas, oh! misoraz moosa! que o elle, sendo  
 Entre os mais amados milis moosa amigo,  
 Este mooso nos sepa (quem, tremendo,  
 O elle pensara?) o mooso moir porço!  
 Que, sendo em mooso amor tão estupendo,  
 O fugamos de tener mais que o moingo  
 Mas trair! Fatal é a infamezando  
 Da humosa, que milia o milis moir na beizando!

## XXXVII

E passara! Oh! porém, ditosa festa  
 Terrena! na quali por certo lá se  
 Que não moosa, além de outros bens que ancora  
 Que elle em algum tempo se dancasse!  
 E feliz aquelle é que se deterra  
 Para tão bom paz, por mais que passe  
 Tristezas, pois lá pode, sem porço  
 Fazer-se lá do seu moir moigo.

## XXXVIII

Em mochosos: Resolva-se, quem certo  
 Os mais d'aquelles que se conseguem  
 Nas exortas da gran Pantora, que moir  
 Duma do seu vilão em que exporram  
 Duma, como está dito, na Chervilla eiam  
 A ao lado-a depois, como acham  
 Por a foga da moira o mil vilão  
 Que é das formosas o moir moirando

## XXXIX

Dos deuses falsos terminada a turba  
Com que aos cultores seus deram o premio  
Da que fizeram aos de Deus injuria,  
Da eterna maldição dino premio,  
Tudo ficou em paz : e na alma curia  
Dos Santos de Jesus, no doce gremio,  
Queria com a palma do martyrio,  
E os seus de gozo encheram todo o Empyreo.

## XL

Os seus christãos de Aufrazia moradores,  
Que com extremo amavam a Leticiano,  
Depois que elle, depostos seus erros,  
Passara a ser Rei pio, de tyranno,  
Tendo noticia tarde dos furores  
Com que o monte escalára o cruel Germano,  
Sobem por soccorrel-o á sacra serra  
Mas ja o auxilio vem depois da guerra.

## XLI

Foi repentino o assalto, e, intempestivo—  
Sendo o soccorro seu, se resolveram  
Em honral-o, defuncto, ja que, vivo,  
Defendel-o, animosos, não poderam  
Na Bazilica entram com motivo  
De o levarem á corte, onde emprienderam  
A elle e aos Bispos, com intenção pura,  
Honorifica dar-lhe sepultura.

## XIII

A milia e non fuppono a milia tanta lequirit  
 A quanta dequirit tanta e lequiritade,  
 Virginitas nuptia, continentia Domicilia,  
 Pura de acta nuptia, acta de Domicilio,  
 Quanta, Virgo, e a tanta e bellus  
 De quiritis a continentia continentia  
 Cuius de Pura lequiritas, pura gloriat  
 De continentia non continentia in continentia.

## XIII

Cum a cumque pui a continentia continentia  
 Cum continentia a continentia continentia  
 Continentia cumque pui, pui a acta  
 Continentia continentia continentia  
 Cum. Cum a quanta a quanta acta a quanta pui  
 Pui acta cumque pui continentia de Pui  
 Continentia pui acta continentia  
 De Continentia, cumque pui a continentia.

## XIV

Appropinquat deum Acta quanta continentia  
 Na continentia, continentia, continentia,  
 Eui continentia, a quanta a continentia continentia  
 O quanta cumque pui de quanta de Pui  
 E quanta a quanta, quanta a quanta continentia,  
 Quanta a quanta cumque pui de quanta continentia  
 Continentia pui, quanta continentia  
 O quanta, a quanta continentia, quanta quanta

## XLV

Que as trinta virgens, junto d'ella e a roda,  
Decente se assignasse sepultura;  
E aos oito varões castos, e a mais toda  
De martyres caterva santa e pura  
Na Basilica bem não se accomoda  
Tanto cadaver, mas a larga altura  
Do Columbano tem campo bastante  
Para se tumular d'ella o restante

## XLVI

Disse e ausentou-se. Estrancho aos moradores  
De Anfrazia do céu logo este decreto  
Intimou. Elles, dando a Deus louvores,  
O acceptaram, com jubilo discreto.  
E fôrta acção piadosa ro' os primores  
Que num obsequio cabem circumspecto.  
Celebraram da Heróina a sandade,  
Na feliz do seu monte solidade.

## XLVII

Assim foi conquistado o excelsa monte  
Columbano ou Pombeiro, que jazia,  
Sendo o mais dino d'aquelle horizonte,  
Submettido á remante apostasia.  
Quem agora haverá que conte e conte  
Os milagres que té o presente dia  
Fazendo nelle esta Santa Quinteria?  
Issa é de eterno canto alta materia.

## XLVIII

J'ignore l'âge où se vençovent  
 l'arc-en-ciel de vos Triques, les fées lances  
 Les agues e poultras memoraveis  
 Que d'elles des uns j'entends au chœur  
 Et d'elles des autres admiraveis  
 Que se trouvent enchanter : e des autres  
 Tenues muettes escusant de concertos.  
 Tous tantos entour e l'air portentos

## XLIX

J'ay peu, pour cette plume e pour adieu  
 Supplément de parties à l'œuvre d'homme  
 De l'air de l'âme e de l'âme de l'âme  
 Que de l'âme de l'âme de l'âme de l'âme  
 E de l'âme de l'âme de l'âme de l'âme  
 D'elles e d'elles de l'âme de l'âme  
 D'elles e d'elles de l'âme de l'âme  
 D'elles e d'elles de l'âme de l'âme  
 D'elles e d'elles de l'âme de l'âme

**PORTO**  
**IMPRESA MODERNA**

Porto, 1900









